

# PNEUMIA



## Publicação Mensal

Ano XXXVIII - II Série - Nº 266/7/8

Maio a Julho 2014

## Ficha técnica

### Fundador e Conselheiro Espiritual

José da Lapa C. S. Sp.

### Director Mário Pinto

### Administrador José Santos

### Revisor Isabel Moraes Marques

### Editor e Propriedade PNEUMA R. C.

### Design e Paginação Paulo de Campos Pinto

**Sede:** Trav<sup>a</sup> Cruz da Era, 2A  
1500-214 Lisboa  
Tel. 21 716 14 15 | Fax. 21 716 05 51  
[www.pneuma-rc.pt](http://www.pneuma-rc.pt)  
[contacto@pneuma-rc.pt](mailto:contacto@pneuma-rc.pt)

**Colaboradores neste número:**  
Mário Pinto, Pe. Manuel Oliveira Couto, D. Serafim Ferreira e Silva, Pe. Pedro Bravo, Luísa Lopes de Araújo, Joaquim Mexia Alves

**Assinatura Anual:**  
Portugal - 10 €  
Estrangeiro - 20 € ou 25 USD  
**Avulso:**  
Portugal - 1,75 €  
Estrangeiro - 2 € ou 2.50 USD

**Produção Gráfica**  
Jorge Fernandes, Lda.  
R. Quinta Conde de Mascarenhas, 9  
Vale Fetal  
2828 - 259 CH Caparica

Registo DGCS Nº 107877  
Depósito Legal 86948/95

Associada da AIC com o Nº 245

**Pneuma** é uma palavra grega que significa ar, que pode ser forte, como vento ciclónico que tudo arrasta, ou suave, como brisa que acaricia e refresca.

A palavra Pneuma (em hebraico “Ruah”) aparece na Bíblia para significar a ideia acima referida, mas também para significar o **Espírito de Deus**.

No Novo Testamento, surge habitualmente para significar: **Sopro Vital, Espírito de Deus, Pentecostes, Espírito Santo**.

# Sumário

	Limiar
Coragem .....	4
Testemunho Pe. Manuel Oliveira Couto .....	9
Medita(cita)ção .....	14
Oração .....	15
<b>O que diz o Santo Padre</b>	
Papa e o RCC .....	16
Sobre a Nova Evangelização .....	25
<b>Catequese e Renovamento</b>	
Solenidade de Pentecostes .....	34
<b>Testemunho da Fé</b>	
Domingo de Páscoa .....	37
Como Tomé .....	39
<b>Notícias da Igreja</b>	
	40
<b>Beato Daniel Brottier</b>	
Fotobiografia XXI .....	43



# Limiar

Mário Pinto

## **Nota aos estimados Leitores e Amigos**

**Este é um número especial da nossa comum revista Pneuma, em que desejamos honrar especialmente a memória do nosso querido Padre José da Lapa, que recentemente nos deixou por ter sido chamado para a Casa do Pai Celeste. É, para todos nós, uma hora de profunda saudade, embora penetrada da alegria da fé no Amor Divino.**

**Recebemos, por esta ocasião, muitos testemunhos de grande admiração e reconhecimento pelo Padre Lapa. Pelas suas atenções e cuidados pastorais; pela**

**sua dedicação sem desfalecimento ao Renovamento Carismático Católico; pela amizade e conforto que a tantos dispensou com grande coração.**

**Não dispomos aqui de espaço para publicar tantos e tão diversos testemunhos; mas como todos são unânimes nos sentimentos para com Deus e o Padre Lapa, fique apenas por agora, para os representar e agradecer, esta pequena «Nota», conquanto bem grande no que significa, seguramente para nós e para todos os nossos Leitores e Amigos.**

A Coordenação do Grupo de Oração Pneumavita, do RCC da Diocese de Lisboa

A Direcção da Associação Pneuma

A Direcção da Revista Pneuma

## Coragem!

**1.** Faltavam poucos dias para a sua morte — nós não sabíamos, embora a sombra dessa proximidade já nos cobrisse a alma. Com Maria José, minha Mulher, fui visitá-lo. Sentado na sua cadeira, o Padre Lapa correspondeu à nossa saudação, ainda a passos de distância, com gesto lento, voz afável mas enfraquecida. Quando me tocou a vez do cumprimento próximo, pedi-lhe a bênção: «a sua bênção, meu Padre» — e curvei-me, esperando, como fazia quase sempre com ele. Levantou a sua mão e orou, depois pousou-a na minha cabeça e terminou com o gesto da cruz. Era o que costumava fazer, por vezes com algumas variantes, que não vale a pena contar.

**2.** Logo se seguiu a conversa. E vieram as perguntas sobre a sua saúde. As respostas não disseram nada de como se sentia. Falou dos resultados das análises. E fugiu do assunto, pareceu-me, para os elogios à revista *Pneuma*. Que estava muito boa. Eu perguntei-lhe, como sempre: tem gostado, Padre Lapa? E ele: «claro!». A conversa continuou e continuou. Mas, num certo momento, e de repente, todos ficámos calados, como se algo nos tivesse surpreendido e ficássemos à escuta. Quedámo-nos num recíproco olhar, como se tivéssemos passado para outra diferente esfera de comunicação. O silêncio começou a pesar-me — mas não me sentia capaz de dizer nada. Quando já era longo demais, e me nascia no íntimo um certo incómodo, foi ele que o quebrou, com uma

palavra que me penetrou e ficou a ressoar comovidamente. Num som curto, mas animoso, como que em despedida. Essa palavra foi: «coragem!».

**3.** Querido Padre Lapa: tudo senti que me foi dito, nessa palavra; e não só para mim, mas para a Comunidade de todos os nossos amigos de Pneumavita. Porque, talvez uma semana antes, me dissera (e esta foi a única vez que me insinuou a proximidade da sua partida): «estou vivendo a minha paixão». Fiquei então atrapalhado, e desajeitadamente respondi: «Padre Lapa, infelizes de nós, que agonizamos desde que nascemos, como nos diz o Salmista». Ele sorriu, condescendente. E falámos de outras coisas.

**4.** No próximo dia 6 de Novembro, contam-se os 40 anos do Grupo Pneumavita, do Renascimento Carismático Católico, que o Padre Lapa inspiradamente criou, com alguns amigos, em 1974, em Fátima, e logo passou a reunir em Lisboa, na casa dos Espiritanos, à Lapa. Para completar essa contagem de 40, que tem simbólicas ressonâncias bíblicas, falta pouco tempo. Já avistamos a sua próxima chegada, nos preparativos que estamos fazendo, e que o Padre Lapa foi conhecendo, apoiando e abençoando. Mas, assim como Moisés deixou os israelitas, à vista da Terra Prometida, depois de os guiar durante os quase 40 anos, também o Padre Lapa nos deixa a nós, pouco antes dessa chegada, para que, agora sem ele aqui fisicamente presente, continuemos caminhando até à nossa Terra Prometida. Com «coragem», disse ele. Qual é essa Terra, todos o sabemos.

**5.** A palavra «coragem» começa com «cor», que quer dizer coração; e completa-se com «agem», da raiz do verbo «agir». Trata-se portanto de manter a «acção do coração», teologalmente; com o ânimo do amor, bem apoiado na fé e na esperança. Depois da sua morte, esta palavra fica para nós como sua

mensagem de despedida; como seu testamento espiritual; como sua profecia.

**6.** E, pensando bem, não admira que seja curta. O Padre Lapa nunca foi longo: nem nas suas homilias, nem nas suas orações, nem nas suas outras intervenções conosco. Mais, ainda: além de ter sido sempre breve, nunca quis fazer as coisas que nós podíamos fazer. O caso talvez mais representativo é que sempre quis que fôssemos nós a fazer os ensinamentos, fosse nas Assembleias Semanais de Oração, fosse nos Seminários de Vida Nova no Espírito. Desde que o conheci, no RCC, fez agora 25 anos, nunca o Padre Lapa fez, nem sequer um único ensinamento. Sempre nos «impôs» que fôssemos nós. Dava-nos o tema e ajudava-nos com conselhos e bibliografia para a respectiva preparação. E a verdade é que isso nos obrigou a caminhar no estudo, na meditação e na evangelização. Nunca nos censurou, ou sequer criticou, depois de fazermos as nossas exposições — nem uma única vez, que me lembre. É verdade que nunca entre nós se sentiu escândalo com alguma declaração; mas Deus sabe se ocorreram muitas insuficiências e até erros.

**7.** Ele queria que, na comum evangelização carismática, fossem leigos a falar a leigos. E pedia que não nos ficássemos por comunicar a doutrina que tínhamos estudado: insistia para que, primeiro, fôssemos sempre «anunciantes» da Boa Nova e, segundo e sobretudo, déssemos «testemunho pessoal» dela na nossa vida. Ele próprio deu o seu testemunho muitas vezes, contando a história do seu encontro, em Roma, com o Renascimento Carismático. Sempre insistia no testemunho, mais do que na doutrina e na teologia. Não que desprezasse a doutrina espiritual e a teologia: todos os melhores livros sobre o Renascimento estão na biblioteca de Pneumavita, comprados pelo Padre Lapa, desde os inícios. E foram lidos

por ele — que eu bem me certifiquei, em muitas conversas, de que os tinha lido.

**8.** Quanto ao nosso testemunho, à nossa espiritualidade e à nossa oração, insistia constantemente na importância da — como ele dizia — «dinâmica carismática». No princípio não gostei da expressão, lembro-me bem; porque «dinâmica» me suscitava a ideia de uma força «exterior» sobre um corpo inerte, ideia que me vinha do estudo da teoria física da dinâmica. «Dinâmica carismática» parecia-me que era o mesmo que «forçar o modo carismático». Mais tarde, porém, mudei de ideias, quando descobri melhor que «carisma» é «força do Alto» (graça). Porque, na imagem utilizada por padres da Igreja, Deus é para nós «energia» que nos faz ser, que nos move e nos «diviniza». Portanto, Dinâmica Carismática é o mesmo que Força Divina, Espírito Santo — prometido, conseguido e concedido por Jesus Cristo, que nos baptiza no Espírito [...é Ele que baptiza no Espírito Santo» - Jo 1,33]. Em meu modesto entender, portanto, o padre Lapa falava teologicamente rigoroso.

O que, em duas palavras, ele queria dizer, era: atenção! que fomos baptizados por Jesus Cristo no Espírito Santo; atenção às «efusões» do Espírito»; à «vida no Espírito»; aos dons de santificação e aos carismas do Espírito; à experiência da intimidade divina; à consciência da in-habitação trinitária em nós, pelo Espírito Santo. Naturalmente, tudo isso num «discipulado cristão», vivido com vigilância, na prática da oração e dos sacramentos, em plena participação na unidade da Igreja.

**9.** É fundamentalmente o mesmo que nos deixou dito o Apóstolo Paulo, nas seguintes palavras.

«Vós, vós não estais na carne, mas sim no Espírito, porque o Espírito de Deus habita em vós. Quem não tem o Espírito de Cristo, não lhe pertence [a Cristo]; mas se Cristo está em vós, ainda que o corpo já esteja morto, em

razão do pecado, o Espírito é [nele] vida, em razão da justiça. E se o Espírito d'Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Aquele que ressuscitou Cristo Jesus de entre os mortos dará também a vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós. Assim, pois, meus irmãos, nós somos devedores; mas de modo nenhum perante a carne, para devermos viver segundo a carne. Porque se viverdes segundo a carne, vós morrereis. Mas se, pelo Espírito, fizerdes morrer as obras do corpo, então vós vivereis» (Rom 8,9-13).

**10.** A todos os que se aproximavam, sobretudo pela porta sempre aberta das "Assembleias Semanais de Oração", o Padre Lapa conduzia a encontrar verdadeiramente o Espírito do Renovamento Carismático Católico: numa preparação intensiva de oração comunitária ungida e entusiástica, nas terças-feiras de todo o ano; depois, fazendo o retiro de conversão (que é o Seminário de Vida Nova no Espírito), e aí pedindo e recebendo a Efusão do Espírito; e, finalmente, numa posterior caminhada em pequena comunidade de oração e de aliança, como é típico, ou deve ser, dos pequenos grupos do Renovamento Carismático.

**11.** Com efeito, os pequenos grupos do Renovamento Carismático não devem ser apenas «grupos de oração»; devem caminhar para ser mais do que isso: verdadeiras pequenas comunidades cristãs, em si mesmas mas sentindo-se unidas no e pelo mesmo movimento de renovação pentecostal que é o Renovamento Carismático Católico, no seio da Igreja universal e local. Razão pela qual são carismaticamente diversas, e não podem, nem devem, ser conduzidas a uma

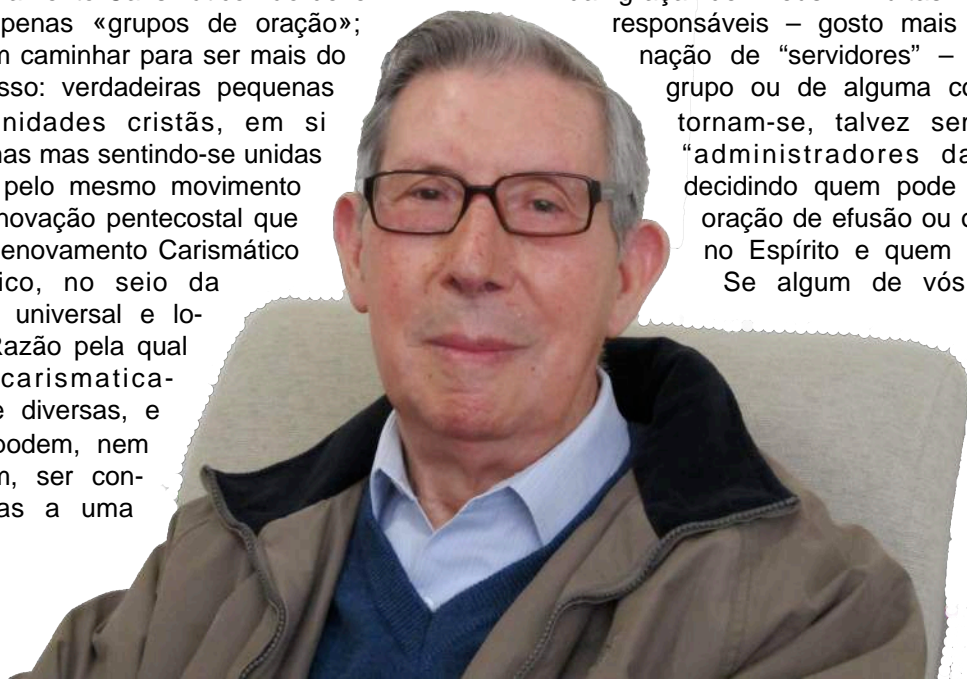
redução estatutária e regulamentar uniformizadora. Felizmente, o Papa Francisco foi recentemente muito claro, acerca desta liberdade carismática, recomendando que se evitem dois perigos muito graves, que vale a pena recordar, sem receio de repetição.

**12.** Um, é o perigo da excessiva regulamentação. Disse ele, a este respeito, textualmente:

«Vós, povo de Deus, povo do Renovamento Carismático, estai atentos a não perder a liberdade que o Espírito Santo nos deu! O perigo para o Renovamento, como diz com frequência o nosso querido padre Raniero Cantalamessa, é o da organização excessiva: o perigo da organização excessiva. Sim, tendes necessidade de organização, mas não percais a graça de deixar que Deus seja Deus! Com efeito, não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito, renunciando a calcular e controlar tudo, permitindo que Ele nos ilumine, nos guie, nos dirija e nos leve para onde Ele quiser. Ele sabe bem o que faz falta em cada época e em cada momento. A isto chama-se ser misteriosamente fecundo!» [Exort. ap. Evangelii gaudium, 280].

**13.** «Outro perigo — disse também o Papa Francisco — é alguém tornar-se “controlador da graça de Deus”. Muitas vezes, os responsáveis – gosto mais da designação de “servidores” – de algum grupo ou de alguma comunidade tornam-se, talvez sem querer, “administradores da graça”, decidindo quem pode receber a oração de efusão ou o batismo no Espírito e quem não pode.

Se algum de vós faz isto, peço-vos que não o volteis a fazer. Não o volteis a



fazer. Vós sois dispensadores da graça de Deus, não “controladores”! Não sejais “alfândega do Espírito Santo”!».

**14.** Graças a Deus por estas orientações do Papa Francisco! A unidade do Renovamento Carismático Católico, na sua inspiração própria — que é essencialmente baptismal, pentecostal —, é a unidade «comum» da, e na, Igreja. A qual não é uniformidade: os seus carismas são diversos, como é próprio da inteira comunidade eclesial de Cristo. Vale a pena sublinhar que o Papa nos chamou assim: «Vós, povo de Deus, povo do Renovamento Carismático!». Pense-se bem nesta invocação.

**15.** O Papa Francisco recomendou ainda o ensinamento dos Documentos de Malines, como orientação fundadora do Renovamento Carismático Católico. E foi ao ponto de referir os três documentos, individualizadamente. O primeiro dos quais, que é o mais importante — os outros dois são complementares — está traduzido pelas Edições Pneuma. É um documento cuja elaboração, por um grupo de peritos, foi coordenada pelo Cardeal Suenens, a quem Paulo VI tinha pedido para acompanhar o novo movimento nascente. Entre eles esteve o actual Bispo francês Monléon. Antes de ser finalmente aprovado e publicado, foi sujeito ao parecer de um grupo de teólogos eminentes, entre os quais, note-se: Yves Congar, Walter Kasper, René Laurentin e Joseph Ratzinger — nada menos. O título, em português, é: «O Renovamento Carismático Católico. Orientações teológicas e pastorais».

A avaliar pelas vendas deste livro, que são lentas, devia ser mais estudado entre nós, designadamente por aqueles que aceitam aconselhar ou servir os grupos do Renovamento, sejam sacerdotes sejam leigos. Está profetizado nas Escrituras Sagradas: «O meu povo perece por falta de conhecimento. Pois que tu, tu rejeitaste o conhecimento, eu te rejeitarei do meu sacerdócio...» (Os 4,6).

**16.** Neste primeiro Documento de Malines, é muito clara a reticência acerca de uma institucionalização regulamentada do RCC. Porque, se o Renovamento fosse conduzido a um movimento institucional, ao lado ou contraposto a outros movimentos institucionais, deixaria de ser, como deseja ser, «apenas movimento» de renovamento da comum espiritualidade pentecostal da Igreja. O RCC não nasceu como um projecto de congregação religiosa, nem quer ser como tal; nasceu, sim, e quer continuar a ser, como corrente de espiritualidade. Disse o Papa: «Nascestes de uma vontade do Espírito Santo como “uma corrente de graça na Igreja e para a Igreja”. Esta é a vossa definição: uma corrente de graça».

Não fuja das palavras do Papa: o Papa disse «definição» e disse «corrente de graça». Pretenderemos nós definir diferente? E sobretudo fazer diferente?

Mais do que nunca, importa que todos, leigos e sacerdotes, sigamos por este caminho; e de todo o coração.

**Haja uma santa «coragem»!  
Como nos disse o Padre Lapa!**





# Testemunho do Pe. Manuel Oliveira Couto



**Nota de Pneuma:** Em saudosa homenagem e agradecimento ao Pe. José da Lapa, a revista Pneuma, cuja segunda série ele fundou e dirigiu por 33 anos (desde 1976 até Janeiro de 2009), e depois acompanhou como Conselheiro Espiritual, decidi publicar alguns testemunhos sobre o entusiasmo e a dedicação sacrificada que, por quarenta anos, ele deu ao Renovamento Carismático Católico em Portugal, e especialmente ao lançamento e animação do Grupo Pneumavita, até à sua morte.

Não poderíamos começar melhor do que com a publicação desta carta, do Pe. Manuel Oliveira Couto, que foi um dos primeiros e mais activos membros do Grupo Pneumavita e animadores da divulgação do novo movimento de espiritualidade carismática. Muito lhe agradecemos este testemunho

## Pe. Manuel Oliveira Couto Cofundador do Pneumavita

tão vivo e concreto. Apenas nos permitimos cortar duas expressões próprias do seu carácter epistolar, com a sua substituição por parêntesis rectos.

### Exmo. Director da “ Pneuma” [...]

Foi com muita consternação que recebi um telefonema da Irmã Maria Gonçalves, informando-me da morte do nosso muito querido Pe. José Lapa.

Gostaria imenso de estar presente no seu funeral, na Igreja de Santa Isabel, para lhe manifestar a minha homenagem e participar nas exéquias mas, perante as distâncias e outros compromissos inconciliáveis tal não me é possível. Toda a manhã deste dia estive na Universidade Católica de Braga e de tarde tenho outros afazeres inadiáveis. Se a missa do 7º dia for na segunda-feira, farei todo o possível para aí estar.

Peço-lhe o favor de ser porta-voz das minhas condolências, principalmente aos mais responsáveis do “Renovamento Carismático”.

Tive a graça de pertencer à primeira equipa do “R.C.”, introduzido pelo Pe. José Lapa em Portugal. Recordo, com saudade, esse magnífico encontro de 6 de Novembro de 1974, no Santuário de Fátima, a primeira reunião oficial do “Renovamento Carismático Português”, que nascia assim, abençoado pela Mãe do Céu e Rainha dos Apóstolos, e podia contar com a protecção do Santo Condestável, que nesse dia se festeja.

Fomos aí sempre bem acolhidos pela dinâmica Irmã Maria Gonçalves, nessa altura Directora da “Casa Nossa Senhora do Carmo”, e cuja acção nesse cargo foi excelente e com um papel fundamental na divulgação do Renovamento, pois esteve sempre presente aos ideais do Pe. Lapa e foi uma óptima Conselheira, nessa equipa inicial que ainda tem vários elementos no activo.

Como eu tinha uma certa capacidade de comunicação, o Pe. Lapa encarregava-me de ir apresentando o “R.C.” aos sacerdotes que vinham aos retiros do Clero, alojados aí na Casa de Retiros “Nossa Senhora do Carmo”. Foram Assembleias admiráveis, em que pudemos celebrar o tipo de oração carismática e a meditação viva e exaltante da Palavra de Deus.

Tive ocasião de me encarregar da edição de vários livros, inclusive o “Guia para a Efusão do Espírito”, esse famoso livro de capas

vermelhas com umas mãos abertas, da autoria do muito estimado e grande arquitecto místico Luís Cunha. Recordo-me de fazer a zincogravura e elaborar essa edição na “Gráfica de Leiria”. Também editei um interessante “Livro de Cânticos” ( Marana-tha Amen Aleluia), elaborado na Offset dos Padres do Coração de Maria “, Fátima. Paguei essas edições do meu bolso e fui depositário do “stock” até ir para Santa Maria de Cóz, Alcobaça, de onde seguiram para Lisboa...

Na História do “Renovamento Carismático”, publicada na “Pneuma”, o Pe. Lapa refere-se a mim, desde o início, pois então exercia a minha actividade pastoral na Vigararia de Alcobaça e colaborava muito com o Santuário de Fátima, aonde o Santo Bispo Dom Alberto Cosme do Amaral me destinou exclusivamente à Pregação Mariana — Pregação da Mensagem — e ao Confessionário...

**Deus tenha em paz o nosso bondoso Pe. Lapa - que, embora de aparência muito calma, todo ele era um vulcão de amor ao Espírito Santo - e lá da Casa do Pai do Céu continue a acompanhar este Movimento do Renovamento Carismático ao qual entregou a sua preciosa vida. [...]**





D. Serafim Ferreira e Silva  
Bispo Emérito de Leiria - Fátima

**Nota de Pneuma:** Com uma tocante simplicidade, uma proximidade à moda do Papa Francisco, o Senhor Bispo Emérito de Leiria Fátima, D. Serafim de Sousa Ferreira e Silva, que nos acompanha há muitos muitos anos com grande amizade, designadamente nas nossas Assembleias anuais em Fátima, veio espontânea e pessoalmente às exéquias do Padre Lapa; e, antes do seu início, rezou o terço connosco e recitou, comovido e no genuíno tom popular português, uns versos de que conseguimos a versão seguinte. Muito lhe agradecemos este brinde inigualável.

O Padre José da Lapa,  
Dom do Espírito Santo  
para o são Renovamento...  
Agora no mais além  
reza por nós ao Senhor  
em todo ou qualquer momento.

Projectou montar a "tenda"  
com as gentes africanas  
e nas terras asiáticas...  
Aceitou bem, sem contenda,  
missionar em Portugal  
e nas festas carismáticas.

Renovação permanente  
é mandamento da vida  
que sucede e não acaba.  
...Vive agora para sempre  
cantando amen e aleluia  
ao bom Deus, que tanto amava.

Como é o Céu não sabemos,  
mas é Cristo quem garante  
ser total felicidade,  
com as multidões de santos  
e com os anjos também  
por toda a eternidade.

Padre Lapa, obrigado.  
Os teus irmãos aqui estão  
vivendo a vida que é.  
...Contigo e com Maria  
queremos testemunhar  
a força e a alegria da Fé.

Bem hajas, pelo sorriso  
terno, manso e amigo,  
sempre em sentido de Igreja.  
Que o "Sopro" do Espírito  
anime as almas e gentes  
na salvação. Assim seja!

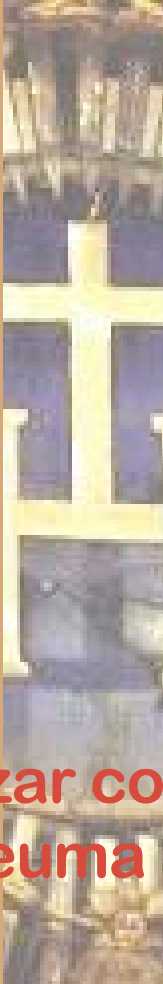
Lisboa, 20 de Maio de 2014



Funeral do Reverendo Padre José da Lapa,  
C.S.Sp.  
Igreja de Santa Isabel, Lisboa



## Rezar com a Pneuma



# Medita(cita)ção

## Amar exige as obras do amor

«Tem sempre diante dos olhos  
que a perfeição consiste  
no cumprimento do mandamento do amor:  
“amar a Deus e ao nosso próximo”.»

Beato Francisco Palau (1811 - 1872), Carta 6

Senhor,  
nesta [altura da minha vida]  
em que sou convidado ao amor,  
à caridade,  
faz-me compreender  
que o amor sem obras de amor está  
completamente morto.  
Torna-me dócil ao Teu mandamento do amor.  
Ajuda-me a superar as barreiras  
que a minha sensibilidade me levanta:  
o aborrecimento, a preguiça,  
a falta de gosto para ajudar o meu próximo,  
para o escutar, dialogar, perdoar,  
condescender, exortar,  
a irritação incontrolável que me persegue  
quando me falam, quando me pedem alguma  
coisa...  
que os meus olhos Te contemplem sempre!  
De Ti, e só de Ti,  
receberei o amor de que preciso  
para o derramar naqueles que me dás.  
Ajuda-me, Senhor!

# Oração

## Oração da Irmã Lúcia

«É a oração que sustenta  
e aumenta em nós a fé.»

Serva de Deus Irmã Lúcia de Jesus | 1907 - 2005  
Apelos da Mensagem de Fátima, cap. 35

Senhor,  
é a fé que opera milagres.  
Quantas vezes dissestes:  
"Vai, a tua fé te salvou?"  
Então fazes depender da minha fé  
a minha salvação?  
Sou fraca demais, Senhor.  
Neste dia Te peço,  
como Te pediu um dia  
um dos homens do Evangelho:  
"Ajuda a minha pouca fé!"  
Eu sei que me ajudarás  
se abrir o meu coração pela oração,  
se fizer a minha parte.  
E essa parte que me cabe  
é encontrar alguns minutos  
em cada dia,  
para estar conTigo em diálogo:  
falando conTigo, na oração,  
e escutando-Te pela leitura da Tua Palavra.  
Alguns minutos por dia?...  
Sim, sei que tenho sempre tempo  
para aquilo que desejo muito.  
Ajuda-me, Senhor!

Fonte: <http://orar.carmelitas.pt/>



# O que diz o Santo Padre

**Fr. Pedro Bravo, O.Carm.**

**Nota de Pneuma:** No dia 01 de Junho de 2014, já em preparação espiritual da Solenidade de Pentecostes, o Papa Francisco esteve pessoalmente presente numa enorme assembleia do Renovamento Carismático Católico, que encheu o Estádio Olímpico de Roma. Foi um acontecimento histórico e profético. Oferecemos em seguida a notícia desse memorável encontro, com base na tradução da gravação original. A autoria é de Fr. Pedro Bravo, OCD., a quem afectuosamente muito agradecemos. A edição e os sublinhados, para facilitar a leitura, são da nossa responsabilidade.

**«Vós sois uma corrente de graça na Igreja. O vosso fundamento é a adoração a Deus, o Senhor. Não sejais controladores da graça. Saí pelas ruas a evangelizar. Aproximai-vos dos pobres. Procurai a unidade do Renovamento». «Sede dispensadores da graça do Espírito Santo».**

Um banho de gente, num clima de grande festa no Estádio Olímpico de Roma, para Papa Francisco, que participou na 37ª Convocação Nacional do Renovamento no Espírito (RnS), em Itália, que contou com a participação de cerca de 52.000 fiéis, provindos de 55 países.

Eis, em síntese, a primeira ida de um Papa a um Assembleia do Renovamento Carismático. Decorreu num dos principais areópagos da Cidade Eterna, o Estádio Olímpico de

Roma, com uma capacidade aproximada de 73.000 espetadores.

O encontro situa-se dentro da iniciativa levada a cabo pela Renovação no Espírito (o nome do Renovamento Carismático em Itália), no quadro do programa da nova evangelização, fazendo parte dos dez anos de preparação para a celebração do 50º aniversário do Renovamento Carismático, em 2017, e em resposta aos apelos do Papa João Paulo II em favor de uma nova evangelização, de Bento XVI e agora do Papa Francisco, que insiste numa transformação missionária da Igreja “em saída”.

Foi a primeira vez que um Papa esteve numa Assembleia do Renovamento Carismático. Como se pode ver no vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=PX2GuLILIC8>), às 17 horas locais em ponto, Francisco (é assim que o Papa prefere ser tratado e mencionado) entrou no Estádio, dirigindo-se a pé para a sua sede, ao som do cântico “Hossana, hossana, ao Altíssimo”, acompanhado por Salvatore Martinez, presidente da Equipa de Serviço Nacional, por Michelle Moran, Presidente do ICCRS (International Catholic Charismatic Renewal Service), por Gilberto Gomes Barbosa, presidente do CFCCEF (Catholic Fraternity of Charismatic Covenant Communities and Fellowships), pelo Vigário Geral de Roma, Cardeal Agostino Vallini e pelo Assistente Nacional do Renovamento, Padre Guido Pietrogrande.

Entre os presentes, estavam não só membros destes dois organismos internacionais do Renovamento e da Equipa de Serviço Nacional, mas também o Cardeal Stanisław Ryłko, Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos, o Arcebispo D. Rino Fisichella, Presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, o Bispo Mons. Filippo Ianone, O.Carm., Vice-regente da Cidade de Roma, Fr. Raniero Cantalamessa, O.F.M. Cap., Pregador da Casa Pontifícia, alguns membros históricos das origens do Renovamento, tal como Patty Mansfield, Ralph Martin, a Ir. Briege Mckenna, O.S.C., o

Presidente da Câmara Municipal de Roma, Ignazio Marino e outras personalidades, além de cerca de 1300 voluntários, 1000 sacerdotes, 150 seminaristas, 350 religiosas e 3000 crianças e jovens, que participaram nos dois dias que durou a Convocação, de 1 a 2 de junho p.p.

### **Quando Francisco chegou à sede, o Presidente do Movimento, Salvatore Martinez, deu-lhe as boas-vindas:**

«Santo Padre, que alegria! Peço ao Espírito Santo que ponha no seu coração os sentimentos de gratidão e de filial afeto que estão nestes seus filhos, 52.000 irmãos e irmãs provindos de toda a Itália e de 55 países do mundo.

O ano passado, por ocasião da vigília de Pentecostes com os movimentos, estávamos com as outras realidades eclesiais e o senhor disse: “Tenho que vos fazer uma pequena crítica, fraterna e entre nós. Na praça [de S. Pedro] todos gritavam: “Francisco, Francisco”, “Papa Francisco”, mas... Jesus, onde está? Preferia que tivésseis gritado: “Jesus, Jesus, está aqui, entre nós”.

O senhor sabe que isto é muito fácil para nós, porque este grito está colado às paredes do nosso coração. Este grito está sempre na nossa boca. E este grito impele-nos. Por isso, agora, para remediar, vamos cantar todos juntos. Cantamos todos juntos um pequeno cântico de que – sabemos-lo - gosta muito: ‘Vive Jesus, el Señor’. Cantemos.”

### **O Papa, de mãos abertas, cantou com todos.**

### **Depois, Salvatore prosseguiu:**

«Santo Padre, é evidente que aqui não está a equipa de futebol do Roma, nem a do Lácio, nem a do São Lourenço [Argentina]. Aqui está outra equipa: a equipa dos discípulos de Jesus. O nosso treinador é o Espírito Santo. Temos um capitão nesta equipa, que é o senhor, que nos sugere uma tática de jogo maravilhosa. O senhor diznos que se a fé entrar em campo, então a vitória de Jesus é certa. “E esta é a vitória que vence o mundo:

a nossa fé” (1 Jo 5,4). E Jesus venceu na nossa vida, Santo Padre. Jesus venceu: venceu em tantos doentes, que na sua enfermidade não deixaram que Ihes roubassem a alegria. Venceu, quando passámos da sabedoria deste mundo para o gosto das realidades divinas. Venceu, quando nos servimos das nossas línguas, não para mexericos, mas para louvar, para bendizer o Senhor. E venceu quando as nossas mãos, que estava paradas, estáticas, se levantaram para o céu para adorar o Senhor, em sinal de rendição, e depois se estenderam, na história, para os outros.

«Santo Padre, quando em 9 de setembro do ano passado [2013] Ihe disse que estávamos a pensar transferir esta Convocação, depois de 36 anos em Rimini, para Roma, neste estádio, o senhor disse, sem hesitar, com um afeto fraterno que ainda hoje me comove: “Eu vou”. E cumpriu a palavra. Mas, para nós, cumpri-la foi pedir ao Espírito Santo um verdadeiro milagre, um grande milagre de amor. Durante meses, centenas de centenas de voluntários – são 1.300 os voluntários que esta noite, a toda a pressa, limpam este estádio, juntamente com o seu pessoal, e puseram tudo a postos –, responsáveis que rezaram durante meses, para que este acontecimento se pudesse realizar.

O dom ultrapassa-nos, o dom é maior do que nós. E por isso quisemos partilhá-lo com tantos amigos, expressões de movimentos, associações, comunidades, sociedade civil, todos aqueles que nos acompanham, que nos ajudam, que caminham juntamente connosco. Mas este dom grande quisemos estendê-lo a toda a grande família de todo o Renovamento em todo o mundo, através dos seus organismos de contacto, dos seus responsáveis e as delegações de 55 países.

**«Santo Padre, que o seu coração se encha de alegria: o Renovamento está unido à sua volta, e há-de estar unido ainda mais. E a unidade será o sinal da nossa credibilidade. Nascemos com Paulo VI;**

crescemos e amadurecemos com João Paulo II. E, agora consigo, está a levar-se a cabo esta extraordinária época missionária. E nós queremos que esta “cultura do Pentecostes” realmente fecunde o nosso tempo.

Sabemos que a matriz de todas as crises é espiritual. É apenas regressando ao Senhor, é recuperando a vida espiritual, que as tão diversas crises do nosso tempo poderão ser resolvidas. Dizemo-lo humildemente, mas com profunda convicção: o Pentecostes não é um número a vermelho escrito num calendário litúrgico, e também não é o espaço e o tempo de uma festa. **As missões do Espírito não acabaram; renovam-se; e nós somos um sinal da escuta desta grande expectativa pós-conciliar de renovação.**

Santo Padre: estamos aqui para rezar consigo. Isto é um Cenáculo a céu aberto. E agora, tal como no começo de um encontro e como o senhor nos recomenda na “Alegria do Evangelho” (cf. nn. 145-146), devemos invocar o Espírito Santo. Gostaríamos que orasse por nós, que ore sobre nós. Nós também rezaremos por si, lembrando-nos de que nos pede sempre esta oração. Será então o Espírito a conduzir este nosso encontro, a quem neste momento pedimos que possa inspirar ao seu coração de pai e de pastor as palavras necessárias para a nossa caminhada. E desde já obrigado, Santo Padre, pela sua presença. Invoquemos o Espírito Santo».

**A assembleia invocou então o Espírito, com o cântico “Vem, Espírito Santo, vem conduzir-nos”, tendo-se seguido um momento de oração em línguas e de profundo silêncio.**

Salvatore Martinez introduziu a escuta da Palavra de Deus, dizendo:

“Escutemos a Palavra do Senhor, neste silêncio, neste recolhimento”, passando-se então a ler Atos 2,1-41.

Concluída a leitura, o mesmo Salvatore introduziu o segundo momento do encontro:

«Santo Padre, a ressonância desta Palavra chega-nos agora através dos **testemunhos de quatro categorias do Povo de Deus, que nos vão contar o que é que a efusão do Espírito fez na nossa vida**».

Aproxima-se então um jovem sacerdote, que dá o seu testemunho dos frutos da efusão do Espírito, pedindo depois uma palavra de exortação ao Papa, que respondeu. O mesmo acontece com o testemunho de um jovem, de uma família e de uma invisual, em nome dos que sofrem, a quem o Papa responde um após outro, de forma improvisada, como aqui registamos.

#### **Palavras do Papa aos sacerdotes:**

«Para vós, sacerdotes, vem-me uma só palavra: “proximidade”. Proximidade a Jesus Cristo, na oração e na adoração. Próximos do Senhor, e proximidade às pessoas, ao povo de Deus que vos foi confiado. Amai as vossas gentes, estai próximos da gentes. Eis o que vos peço, esta dupla proximidade: proximidade a Jesus e proximidade ao povo».

#### **Palavras do Papa aos jovens:**

«Seria triste se um jovem guardasse a sua juventude num cofre: assim esta juventude torna-se velha, no pior sentido da palavra; torna-se um trapo; não serve para nada. A juventude é para arriscar: arriscar bem, arriscar com esperança. Deve ser apostada em coisas grandiosas. A juventude é para se dar, para que outros conheçam o Senhor. Não poupeis só para vós a vossa juventude: avante!».

#### **Palavras do Papa às famílias:**

«As famílias são a igreja doméstica, onde Jesus cresce. Cresce no amor dos cônjuges, cresce na vida dos filhos. E por isso o inimigo ataca tanto a família. O demónio não a quer! E procura destruí-la, procura fazer com que não haja amor nela. As famílias são esta igreja doméstica. Os esposos são pecadores, como todos, mas querem ir em frente na fé, na sua fecundidade, nos filhos e na fé dos

filhos. O Senhor abençoe a família, a fortaleça nesta crise em que o diabo a quer destruir».

#### **Palavras do Papa aos que sofrem:**

«Os irmãos e as irmãs que sofrem, que têm uma doença, que são deficientes, são irmãos e irmãs ungidos pelo sofrimento de Jesus Cristo. Imitam Jesus no momento difícil da sua cruz, da sua vida. Eles levam em frente esta “unção do sofrimento” por toda a Igreja. Muito obrigado, irmãos e irmãs; muito obrigado pelo vosso aceitar ser ungidos pelo sofrimento. Muito obrigado pela esperança que testemunhais, aquela esperança que nos faz avançar procurando o carinho de Jesus».

Depois o Papa acrescenta, com graça e amor fraterno, sublinhando a falta de uma categoria de pessoas: os idosos.

#### **Palavras do Papa aos idosos:**

«Eu dizia a Salvatore que falta uma, talvez a mais importante. Falta alguém: faltam os avós! Faltam os idosos, e estes são a segurança da nossa fé, os «idosos». Reparai, quando Maria e José levaram Jesus ao Templo, lá estavam os dois [idosos, Simeão e Ana]; e, por quatro ou cinco vezes — não me recordo bem — o Evangelho diz que [eles] “foram guiados pelo Espírito Santo”. De Maria e José, ao contrário, [o Evangelho] diz que foram guiados pela Lei. Os jovens devem cumprir a Lei, os idosos — como o vinho bom — têm aquela liberdade do Espírito Santo. E assim este Simeão, que era corajoso, inventou ali uma “liturgia”, e louvava a Deus, louvava... era o Espírito que o impelia a fazer isto. Os idosos! São a nossa sabedoria, são a sabedoria da Igreja; os idosos que muitas vezes nós descartamos, os avós, os idosos... E aquela avozinha, Ana, fez algo de extraordinário na Igreja: canonizou os mexericos! E como fez? Assim: porque em vez de tagarelar contra alguém, ia por toda a parte dizendo [de Jesus]: “É este, é este quem nos há-de salvar!”. E esta é uma coisa boa. As avós e os avôs: são a nossa força e a nossa sabedoria. Que o Senhor nos dê sempre idosos sábios!

Idosos que nos dão a memória do nosso povo, a memória da Igreja. E nos dão também o que deles diz a Carta aos Hebreus: o sentido da alegria. Diz que os idosos, estes, saudavam as promessas de longe: que nos ensinem isto».

Em seguida, Salvatore pede ao Papa:

«Santo Padre, antes de escutar as palavras que nos vai dirigir – a narração do Pentecostes diz-nos que Pedro se levantou – nós queremos ajoelhar-nos, e realmente com a autoridade que o Espírito lhe dá, queremos que reze pelos sacerdotes, pelas famílias, pelos jovens, pelos deficientes, e acrescentamos os anciãos, as palavras que tem no seu coração, Santo Padre».

O Papa levanta-se, enquanto todos no estádio se ajoelham, e ergue a sua prece a Deus, com as seguintes palavras:

#### **Oração do Papa:**

«Senhor, olha para o teu povo que espera o Espírito Santo. Olha para os jovens, olha as famílias, olha as crianças, olha os doentes, olha os sacerdotes, os consagrados, as consagradas, olha para nós bispos, olha para todos. E concede-nos aquele “santa embriaguez”, a do Espírito, a que nos faz falar todas as línguas, a língua da caridade, sempre próximos dos irmãos e das irmãs que têm necessidade de nós. Ensina-nos a não lutar entre nós para obter mais um bocado de poder; ensina-nos a ser humildes, ensina-nos a amar mais a Igreja do que o nosso partido, as nossas «contendas» internas; ensina-nos a ter o coração aberto para receber o Espírito. Envia, ó Senhor, o teu Espírito sobre nós! Amen». A multidão aclama com o cântico: “Amen. Aleluia”. O Papa dirige-se então para o ambão, donde faz o seu discurso.

#### **Discurso do Santo Padre:**

«Irmãos e irmãs!

Agradeço-vos muito o vosso acolhimento. Certamente alguém deve ter dito aos organizadores que gosto muito deste canto

“Vive Jesus, o Senhor”. Quando eu celebrava a Santa Missa com o Renovamento Carismático, na catedral em Buenos Aires, depois da consagração e após alguns segundos de adoração em línguas, cantávamos este canto com muita alegria e com muita força, como vós o fizestes hoje. Obrigado! Senti-me em casa!

Agradeço ao Renovamento no Espírito, ao ICCRS e à Catholic Fraternity, este encontro convosco, que me dá tanta alegria. Agradeço também a presença dos primeiros que tiveram uma experiência forte do poder do Espírito Santo; creio que Patty está presente aqui... Vós, Renovamento Carismático, recebestes um grande dom do Senhor. Nascestes de uma vontade do Espírito Santo como “uma corrente de graça na Igreja e para a Igreja”. Esta é a vossa definição: uma corrente de graça.

**Qual é o primeiro dom do Espírito Santo? O dom de Si mesmo, que é amor e faz com que nos apaixonemos por Jesus.** E este amor muda a vida. Por isso dizemos «nascer de novo para a vida no Espírito». Disse-o Jesus a Nicodemos. Recebestes o grande dom da diversidade dos carismas, a diversidade que leva à harmonia do Espírito Santo, ao serviço da Igreja.

**Quando penso em vós, carismáticos, venho à mente a própria imagem da Igreja, mas de modo particular, penso também numa grande orquestra, onde cada instrumento é diverso do outro e também as vozes são diferentes, mas todos são necessários para a harmonia da música.** São Paulo diz-nos isto, no capítulo 12 da Primeira Carta aos Coríntios. Portanto, como numa orquestra, ninguém do Renovamento pode pensar que é mais importante ou maior do que o outro. Por favor, eh! Porque quando algum de vós se julga mais importante do que o outro, ou maior do que o outro, aí começa a peste! Ninguém pode dizer: “Eu sou o chefe” [em italiano: *capo*]. Vós, como toda a Igreja, tendes uma só Cabeça [em italiano:



*Capo*], um só Senhor: o Senhor Jesus. Repeti comigo: quem é o chefe do Renovamento? O Senhor Jesus! Quem é o chefe da Renovação? [A multidão:] “O Senhor Jesus!”. E podemos dizer isto, com o poder que nos dá o Espírito Santo, porque ninguém pode dizer “Jesus é o Senhor” sem o Espírito Santo.

**Como talvez saibais — porque as notícias correm — nos primeiros anos do Renovamento Carismático em Buenos Aires, eu não apreciava muito “estes carismáticos”. E dizia deles: “Parecem uma escola de samba!”** Não estava de acordo com o seu modo de rezar e com muitas coisas novas que aconteciam na Igreja. Depois, comecei a conhecê-los e por fim compreendi bem o que é que o Renovamento Carismático faz à Igreja. E esta história, que começou na “escola de samba”, acabou de um modo particular: poucos meses antes de participar no Conclave, a Conferência Episcopal nomeou-me Assistente espiritual do Renovamento Carismático na Argentina.

**O Renovamento Carismático é uma grande força ao serviço do anúncio do Evangelho na alegria do Espírito Santo!** Vós recebestes o Espírito Santo que vos fez descobrir o amor de Deus por todos os seus filhos e o amor pela Palavra.

**Nos primeiros tempos dizia-se que vós, carismáticos, trazíeis sempre uma Bíblia convosco, um Novo Testamento... Ainda hoje fazeis isto? [A multidão:] “Sim!”.** Não tenho muita certeza, eh! Voltai a isto! Voltai a este primeiro amor, trazei sempre no bolso, ou na bolsa, a Palavra de Deus! E lede um bocadinho. Sempre com a Palavra de Deus.

**Vós, povo de Deus, povo do Renovamento Carismático, estai atentos a não perder a liberdade que o Espírito Santo nos deu! O perigo para o Renovamento, como diz com frequência o nosso querido padre Raniero Cantalamessa, é o da organização excessiva: o perigo da organização excessiva.**

Sim, tendes necessidade de organização, mas **não percais a graça de deixar que Deus seja Deus!** “No entanto, não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito, renunciando a calcular e controlar tudo, permitindo que Ele nos

**ilumine, nos guie, nos dirija e nos leve para onde Ele quiser.** Ele sabe bem o que faz falta, em cada época e em cada momento. A isto chama-se ser misteriosamente fecundo!» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 280).

**Outro perigo é tornar-se “controladores da graça de Deus”.** Muitas vezes, os responsáveis – gosto mais da designação de “servidores” – de algum grupo ou de alguma comunidade tornam-se, talvez sem querer, “administradores da graça”, decidindo quem pode receber a oração de efusão ou o batismo no Espírito e quem não pode. Se algum de vós faz isto, peço-vos que não o volteis a fazer. Não o volteis a fazer. Vós sois dispensadores da graça de Deus, não “controladores”! **Não sejais “alfândega do Espírito Santo”!**

**Vós tendes um guia nos Documentos de Malines, um percurso seguro para não errar o caminho.**

**O primeiro documento é:** *Orientações teológicas e pastorais*. [Cf. Cardeal Suenens (ed.) "Orientações Teológicas e Pastorais, Documento de Malines 1", Edições Pneuma, Lisboa, 1999. pdf em francês, descarregável em: <http://www.stucom.nl/document/0236fr.pdf>. ]

**O segundo documento é:** *Ecumenismo e Renovamento Carismático*, escrito pelo Cardeal Suenens, grande protagonista do Concílio Vaticano II.

[Cf. Léon-Joseph Cardinal Suenens (ed.), Document de Malines 2. Paris: Le Centurion, 1978. pdf em inglês, descarregável em: <http://www.stucom.nl/document/0235uk.pdf>.]

**O terceiro é:** *Renovamento Carismático e serviço do homem*, escrito pelo Cardeal Suenens e pelo Bispo D. Hélder Câmara.

[Cf. *Renouveau dans l'Esprit et service de l'homme*. Ed. Léon-Joseph Cardinal Suenens – Dom Hélder Câmara. Document de Malines

3, Bruxelles: Lumen Vitae, 1979. pdf em inglês, descarregável em: <http://www.stucom.nl/document/0234uk.pdf>.]

Este é o vosso percurso: evangelização, ecumenismo espiritual, cuidado dos pobres e dos necessitados e acolhimento dos marginalizados.

E tudo isto com base na adoração! **O fundamento da Renovação é adorar a Deus!**

**Pediram-me que dissesse à Renovação o que é que o Papa espera de vós.**

**A primeira coisa é a conversão ao amor de Jesus, que muda a vida e torna o cristão uma testemunha do amor de Deus.** A Igreja espera de nós este testemunho de vida cristã; e o Espírito Santo ajuda-nos a viver a coerência do Evangelho para a nossa santidade.

**Espero que partilheis com todos, na Igreja, a graça do batismo no Espírito Santo** (expressão que se lê nos Atos dos Apóstolos).

**Espero de vós uma evangelização com a Palavra de Deus, anunciando que Jesus está vivo e ama a todos os homens.**

**Que deis um testemunho de ecumenismo espiritual com todos os irmãos e irmãs de outras Igrejas e comunidades cristãs que crêem em Jesus como Senhor e Salvador.**

**Que permaneçais unidos no amor que o Senhor Jesus nos pede por todos os homens; e na oração ao Espírito Santo para alcançar esta unidade, necessária para a evangelização em nome de Jesus.**

Recordai que «**o Renovamento Carismático é ecuménico pela sua própria natureza...** O Renovamento católico alegra-se por aquilo que o Espírito Santo realiza nas outras Igrejas» (1 *Malines* 5, 3).



**Aproximai-vos dos pobres, dos necessitados, para tocar na sua carne a carne ferida de Jesus. Aproximai-vos, por favor!**

**Procurai a unidade no Renovamento, porque a unidade vem do Espírito Santo e nasce da unidade da Trindade.** De quem vem a divisão? Do demónio! A divisão vem do demónio.

**Fugi das lutas internas, por favor! Que elas não existam entre vós!**

Gostaria de agradecer ao ICCRS e à Catholic Fraternity, os dois organismos de Direito Pontifício do Pontifício Conselho para os Leigos ao serviço do Renovamento mundial, empenhados em preparar o encontro mundial para sacerdotes e bispos que se realizará em Junho do próximo ano. Sei que decidiram partilhar inclusive o escritório; e trabalhar juntos como sinal de unidade e para administrar melhor os próprios recursos. Alegro-me muito. Gostaria de lhes agradecer,

porque já estão a organizar o grande Jubileu de 2017.

**Irmãos e irmãs, lembrai-vos:**

- [1] Adorai a Deus, o Senhor! Este é o fundamento! Adorar a Deus.
- [2] Procurai a santidade na vida nova no Espírito Santo.
- [3] Sede dispensadores da graça de Deus.
- [4] Evitai o perigo da organização excessiva.
- [5] Saí pelas ruas a evangelizar, anunciando o Evangelho. Recordai que a Igreja nasceu “em saída”, naquela manhã do Pentecostes.
- [6] Aproximai-vos dos pobres, e tocai na sua carne a carne ferida de Jesus.
- [7] Deixai-vos guiar pelo Espírito Santo, com aquela liberdade. E, por favor, não engaioleis o Espírito Santo! Com liberdade!
- [8] Procurai a unidade do Renovamento, unidade que vem da Trindade!

**E espero-vos a vós todos, carismáticos do mundo, para celebrar juntamente com o Papa o vosso grande Jubileu no Pentecostes de 2017, na praça de São Pedro. Obrigado!».**

Depois das palmas, Salvatore dirige-se novamente a Francisco:

«Irmãos e irmãs. As palavras que escutámos devem ser interiorizadas. E nós, Santo Padre, meditá-las-emos e interiorizá-las-emos, como nos pediu. Mas o último presente, somos nós que lho queremos dar. É o senhor mesmo que nos pede para rezar por si, sobre si. E nós não esquecemos aquele gesto inolvidável em que, diante do povo de Deus, recordava que, antes de abençoar, pedia para ser abençoado. Nós não temos nem ouro nem prata; e é neste nome de Jesus que vamos invocar o Espírito Santo. E vamos invocá-lo com um cântico que conhece, para que assim, no seu coração, se possa sentir em família, se possa aqui sentir em sua casa. Levantemos as nossas mãos e rezemos pelo Santo Padre».

Todos cantam: “Inunda o meu ser, Espírito Santo de Deus”. O Papa ajoelha-se e toda a assembleia ora, com o gesto de imposição de mãos, voltada para o Papa. Canta-se em línguas e depois entoia-se um louvor simultâneo. Conclui-se com o Aleluia.

O Papa levanta-se e, terminado o cântico, diz com humor:

«Na manhã de Pentecostes, com os apóstolos estava Nossa Senhora; e considerando o que as pessoas estavam a comentar — “estes tomaram o pequeno-almoço com vinho doce” —, pus-me a pensar: e “quem é que preparou o pequeno-almoço”, nessa manhã? Certamente que foi Nossa Senhora. Certamente foi Nossa Senhora. Foi ela, como Mãe, que preparou o pequeno-almoço. Peçamos agora a Nossa Senhora que nos ajude. Rezemos todos juntos a Nossa Senhora,

antes da bênção. Avé-Maria... [Multidão:] “Cheia de graça...”».

O Papa conclui então com a bênção final: «Abençoe-vos Deus omnipotente, Pai, Filho e Espírito Santo. [Multidão]: “Amen”».

Já depois da bênção, Salvatore Martinez intervém pela última vez, afirmando:

«Santo Padre, São João Paulo II quis confiar-nos à Virgem das mãos levantadas. E nós queremos dar-lhe um pequeno presente, preparado precisamente daquela carne sofredora que nos recordou. São presos e expressos que se estão a reinserir no “Polo di eccellenza Sturzo”. Aceite-a. É pequena, mas é para que a possa ter consigo, sobre a sua escrivaninha, no seu quarto. É a Virgem das mãos levantadas».

Conclui-se com um *flash mob* com o dístico “Aleluia, Jesus é o Senhor” e o cântico: “Aleluia, exaltemos o nosso Rei, Jesus, o Senhor”.

Depois, sempre ao som de cânticos, o Papa sai, saudando os convidados da mesa de honra e grande número de pessoas da multidão, como é seu hábito. E 80 intensos minutos depois de ter entrado no Estádio, Francisco deixa-o por entre o júbilo e cânticos de louvor da multidão.

Obrigado, Senhor, por esta visita! Obrigado, Papa Francisco, pelas suas palavras! Que todos nós possamos secundar os apelos que o Espírito nos dirige!

NB - Os resumos das intervenções podem ser encontrados em: <http://www.rns-italia.it/NuovoSito/page/standard/site.php?o=vca&c=87&a=0> ver um video em youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=E90oWyBtL-o>



## "Evangelii gaudium" (Capítulo V) Sobre a Nova Evangelização

**Nota de Pneuma:** Para facilitar aos nossos leitores a meditação do ensinamento fundamental do Papa Francisco sobre a Nova Evangelização — que, como se tira claramente do que nos diz, põe em causa a nossa conversão —, publicamos o Cap. V de um longo e precioso documento: a Exortação Apostólica Pós-Sinodal "Evangelii gaudium", escrita pelo Papa Francisco, que foi publicada no encerramento do Ano da Fé. Os sublinhados são da nossa responsabilidade.

### Capítulo V EVANGELIZADORES COM ESPÍRITO

[«Neste último capítulo» — diz o Papa — «Limitar-me-ei simplesmente a propor algumas reflexões acerca do espírito da nova evangelização».]

259. Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à acção do Espírito Santo. No Pentecostes, o Espírito faz os Apóstolos saírem de si mesmos e transforma-os em anunciadores das maravilhas de Deus, que cada um começa a entender na própria língua. Além disso, o Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (parresia), em voz alta e em todo o tempo e lugar, mesmo contra-corrente. Invoquemo-Lo hoje, bem apoiados na oração, sem a qual toda a acção corre o risco de ficar

vã e o anúncio, no fim de contas, carece de alma. Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa Nova, não só com palavras mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus.

260. **Neste último capítulo**, não vou oferecer uma síntese da espiritualidade cristã, nem desenvolverei grandes temas como a oração, a adoração eucarística ou a celebração da fé, sobre os quais já possuímos preciosos textos do Magistério e escritos célebres de grandes autores. Não pretendo substituir nem superar tanta riqueza. **Limitar-me-ei simplesmente a propor algumas reflexões acerca do espírito da nova evangelização.**

261. Quando se diz de uma realidade que tem «espírito», indica-se habitualmente uma moção interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à acção pessoal e comunitária. Uma evangelização com espírito é muito diferente de um conjunto de tarefas vividas como uma obrigação pesada, que quase não se tolera ou se suporta como algo que contradiz as nossas próprias inclinações e desejos. Como gostaria de encontrar palavras para encorajar uma estação evangelizadora mais ardorosa, alegre, generosa, ousada, cheia de amor até ao fim e feita de vida contagiante! Mas sei que nenhuma motivação será suficiente, se não arde nos corações o fogo do Espírito. Em suma, uma evangelização com espírito é uma evangelização com o Espírito Santo, já que Ele é a alma da Igreja evangelizadora. Antes de propor algumas motivações e sugestões espirituais, invoco uma vez mais o Espírito Santo; peço-Lhe que venha renovar, sacudir, impelir a Igreja numa decidida saída para fora de si mesma a fim de evangelizar todos os povos.

### I. Motivações para um renovado impulso missionário

262. Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que rezam e trabalham. **Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e acções sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração.** Estas propostas parciais e desagregadoras alcançam só pequenos grupos e não têm força de ampla penetração, porque mutilam o

Evangelho. **É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à actividade.** [205] Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, quebrantamo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração, e alegra-me imenso que se multipliquem, em todas as instituições eclesiais, os grupos de oração, de intercessão, de leitura orante da Palavra, as adorações perpétuas da Eucaristia. Ao mesmo tempo, «há que rejeitar a tentação duma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação». [206] Há o risco de que alguns momentos de oração se tornem uma desculpa para evitar de dedicar a vida à missão, porque a privatização do estilo de vida pode levar os cristãos a refugiarem-se nalguma falsa espiritualidade.

263. É salutar recordar-se dos primeiros cristãos e de tantos irmãos ao longo da história que se mantiveram transbordantes de alegria, cheios de coragem, incansáveis no anúncio e capazes de uma grande resistência activa. Há quem se console, dizendo que hoje é mais difícil; temos, porém, de reconhecer que o contexto do Império Romano não era favorável ao anúncio do Evangelho, nem à luta pela justiça, nem à defesa da dignidade humana. Em cada momento da história, estão presentes a fraqueza humana, a busca doentia de si mesmo, a comodidade egoísta e, enfim, a concupiscência que nos ameaça a todos. Isto está sempre presente, sob uma roupagem ou outra; deriva mais da limitação humana que das circunstâncias. Por isso, não digamos que hoje é mais difícil; é diferente. Em vez disso, **aprendamos com os Santos que nos precederam e enfrentaram as dificuldades próprias do seu tempo. Com esta finalidade, proponho-vos que nos detenhamos a recuperar algumas motivações que nos ajudem a imitá-los nos nossos dias.** [207]

### **O encontro pessoal com o amor de Jesus que nos salva**

264. A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela

experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-Lo cada vez mais. Com efeito, um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de a apresentar, de a tornar conhecida, que amor seria? Se não sentimos o desejo intenso de comunicar Jesus, precisamos de nos deter em oração para Lhe pedir que volte a cativar-nos. Precisamos de o implorar cada dia, pedir a sua graça para que abra o nosso coração frio e sacuda a nossa vida tibia e superficial. Colocados diante d'Ele com o coração aberto, deixando que Ele nos olhe, reconhecemos aquele olhar de amor que descobriu Natanael no dia em que Jesus Se fez presente e Lhe disse: «Eu vi-te, quando estavas debaixo da figueira!» (Jo 1, 48). Como é doce permanecer diante dum crucifixo ou de joelhos diante do Santíssimo Sacramento, e fazê-lo simplesmente para estar à frente dos seus olhos! Como nos faz bem deixar que Ele volte a tocar a nossa vida e nos envie para comunicar a sua vida nova! Sucede então que, em última análise, «o que nós vimos e ouvimos, isso anunciamos» (1 Jo 1, 3). A melhor motivação para se decidir a comunicar o Evangelho é contemplá-lo com amor, é deter-se nas suas páginas e lê-lo com o coração. Se o abordamos desta maneira, a sua beleza deslumbra-nos, volta a cativar-nos vezes sem conta. Por isso, é urgente recuperar um espírito contemplativo, que nos permita redescobrir, cada dia, que somos depositários dum bem que humaniza, que ajuda a levar uma vida nova. Não há nada de melhor para transmitir aos outros.

265. Toda a vida de Jesus, a sua forma de tratar os pobres, os seus gestos, a sua coerência, a sua generosidade simples e quotidiana e, finalmente, a sua total dedicação, tudo é precioso e fala à nossa vida pessoal. Todas as vezes que alguém volta a descobri-lo, convence-se de que é isso mesmo o que os outros precisam, embora não o saibam: «Aquele que venerais sem O conhecer, é Esse que eu vos anuncio» (Act 17, 23). Às vezes perdemos o entusiasmo pela missão, porque esquecemos que o Evangelho dá resposta às necessidades mais profundas das pessoas, porque todos fomos criados para aquilo que o Evangelho nos propõe: a amizade com Jesus e o amor fraterno. Quando se consegue

expressar, de forma adequada e bela, o conteúdo essencial do Evangelho, de certeza que essa mensagem fala aos anseios mais profundos do coração: «O missionário está convencido de que existe já, nas pessoas e nos povos, pela acção do Espírito, uma ânsia – mesmo se inconsciente – de conhecer a verdade acerca de Deus, do homem, do caminho que conduz à libertação do pecado e da morte. O entusiasmo posto no anúncio de Cristo deriva da convicção de responder a tal ânsia».[208]

O entusiasmo na evangelização funda-se nesta convicção. Temos à disposição um tesouro de vida e de amor que não pode enganar, a mensagem que não pode manipular nem desiludir. É uma resposta que desce ao mais fundo do ser humano e pode sustentá-lo e elevá-lo. É a verdade que não passa de moda, porque é capaz de penetrar onde nada mais pode chegar. A nossa tristeza infinita só se cura com um amor infinito.

266. Esta convicção, porém, é sustentada com a experiência pessoal, constantemente renovada, de saborear a sua amizade e a sua mensagem. Não se pode perseverar numa evangelização cheia de ardor, se não se está convencido, por experiência própria, que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar tacteando, não é a mesma coisa poder escutá-Lo ou ignorar a sua Palavra, não é a mesma coisa poder contemplá-Lo, adorá-Lo, descansar n'Ele ou não o poder fazer. Não é a mesma coisa procurar construir o mundo com o seu Evangelho em vez de o fazer unicamente com a própria razão. Sabemos bem que a vida com Jesus se torna muito mais plena e, com Ele, é mais fácil encontrar o sentido para cada coisa. É por isso que evangelizamos. **O verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio da tarefa missionária. Se uma pessoa não O descobre presente no coração mesmo da entrega missionária, depressa perde o entusiasmo e deixa de estar segura do que transmite, faltam-lhe força e paixão. E uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence**

**ninguém.**

267. Unidos a Jesus, procuramos o que Ele procura, amamos o que Ele ama. Em última instância, o que procuramos é a glória do Pai, vivemos e agimos «para que seja prestado louvor à glória da sua graça» (Ef 1, 6). Se queremos entregar-nos a sério e com perseverança, esta motivação deve superar toda e qualquer outra. O movente definitivo, o mais profundo, o maior, a razão e o sentido último de tudo o resto é este: a glória do Pai que Jesus procurou durante toda a sua existência. Ele é o Filho eternamente feliz, com todo o seu ser «no seio do Pai» (Jo 1, 18). Se somos missionários, antes de tudo é porque Jesus nos disse: «A glória do meu Pai [consiste] em que deis muito fruto» (Jo15, 8). Independentemente de que nos convenha, interesse, aproveite ou não, para além dos estreitos limites dos nossos desejos, da nossa compreensão e das nossas motivações, evangelizamos para a maior glória do Pai que nos ama.

### **O prazer espiritual de ser povo**

268. A Palavra de Deus convida-nos também a reconhecer que somos povo: «Vós que outrora não éreis um povo, agora sois povo de Deus» (1 Pd 2, 10). Para ser evangelizadores com espírito é preciso também desenvolver o prazer espiritual de estar próximo da vida das pessoas, até chegar a descobrir que isto se torna fonte duma alegria superior. A missão é uma paixão por Jesus, e simultaneamente uma paixão pelo seu povo. Quando paramos diante de Jesus crucificado, reconhecemos todo o seu amor que nos dignifica e sustenta, mas lá também, se não formos cegos, começamos a perceber que este olhar de Jesus se alonga e dirige, cheio de afecto e ardor, a todo o seu povo. Lá descobrimos novamente que Ele quer servir-Se de nós para chegar cada vez mais perto do seu povo amado. Toma-nos do meio do povo e envia-nos ao povo, de tal modo que a nossa identidade não se compreende sem esta pertença.

269. O próprio Jesus é o modelo desta opção evangelizadora que nos introduz no coração do povo. Como nos faz bem vê-Lo perto de todos! Se falava com alguém, fitava os seus olhos com uma profunda solicitude cheia de amor: «Jesus, fitando nele o olhar, sentiu

afeição por ele» (Mc 10, 21). Vemo-Lo disponível ao encontro, quando manda aproximar-se o cego do caminho (cf. Mc 10, 46-52) e quando come e bebe com os pecadores (cf. Mc 2, 16), sem Se importar que O chamem de glutão e beberrão (cf. Mt 11, 19). Vemo-Lo disponível, quando deixa uma prostituta ungir-Lhe os pés (cf. Lc 7, 36-50) ou quando recebe, de noite, Nicodemos (cf. Jo 3, 1-15). A entrega de Jesus na cruz é apenas o culminar deste estilo que marcou toda a sua vida. Fascinados por este modelo, queremos inserir-nos a fundo na sociedade, partilhamos a vida com todos, ouvimos as suas preocupações, colaboramos material e espiritualmente nas suas necessidades, alegriamo-nos com os que estão alegres, choramos com os que choram e comprometemo-nos na construção de um mundo novo, lado a lado com os outros. Mas não como uma obrigação, nem como um peso que nos desgasta, mas como uma opção pessoal que nos enche de alegria e nos dá uma identidade.

**270. Às vezes sentimos a tentação de ser cristãos, mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor.** Mas Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros. Espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente entrar em contacto com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura. Quando o fazemos, a vida complica-se sempre maravilhosamente e vivemos a intensa experiência de ser povo, a experiência de pertencer a um povo.

**271. É verdade que, na nossa relação com o mundo, somos convidados a dar razão da nossa esperança, mas não como inimigos que apontam o dedo e condenam.** A advertência é muito clara: fazei-o «com mansidão e respeito» (1 Pd 3, 16) e «tanto quanto for possível e de vós dependa, vivei em paz com todos os homens» (Rm 12, 18). E somos incentivados também a vencer «o mal com o bem» (Rm 12, 21), sem nos cansarmos de «fazer o bem» (Gal 6, 9) e sem pretendermos aparecer como superiores, antes «considerai os outros superiores a vós próprios» (Fl 2, 3). **Na realidade, os Apóstolos do Senhor**

**«tinham a simpatia de todo o povo»** (Act 2, 47; cf. 4, 21.33; 5, 13). Está claro que Jesus não nos quer como príncipes que olham desdenhosamente, mas como homens e mulheres do povo. Esta não é a opinião de um Papa, nem uma opção pastoral entre várias possíveis; são indicações da Palavra de Deus tão claras, directas e contundentes, que não precisam de interpretações que as despojariam da sua força interpeladora. Vivamo-las "sine glossa", sem comentários. Assim, experimentaremos a alegria missionária de partilhar a vida com o povo fiel de Deus, procurando acender o fogo no coração do mundo.

**272. O amor às pessoas é uma força espiritual que favorece o encontro em plenitude com Deus, a ponto de se dizer, de quem não ama o irmão, que «está nas trevas e nas trevas caminha»** (1 Jo 2, 11), «permanece na morte» (1 Jo 3, 14) e «não chegou a conhecer a Deus» (1 Jo 4, 8). Bento XVI disse que «fechar os olhos diante do próximo torna cegos também diante de Deus»,<sup>[209]</sup> e que o amor é fundamentalmente a única luz que «ilumina incessantemente um mundo às escuras e nos dá a coragem de viver e agir».<sup>[210]</sup> Portanto, quando vivemos a mística de nos aproximar dos outros com a intenção de procurar o seu bem, ampliamos o nosso interior para receber os mais belos dons do Senhor. Cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus. Cada vez que os nossos olhos se abrem para reconhecer o outro, ilumina-se mais a nossa fé para reconhecer a Deus. Em consequência disto, se queremos crescer na vida espiritual, não podemos renunciar a ser missionários. A tarefa da evangelização enriquece a mente e o coração, abre-nos horizontes espirituais, torna-nos mais sensíveis para reconhecer a acção do Espírito, faz-nos sair dos nossos esquemas espirituais limitados. Ao mesmo tempo, um missionário plenamente devotado ao seu trabalho experimenta o prazer de ser um manancial que transborda e refresca os outros. **Só pode ser missionário quem se sente bem procurando o bem do próximo, desejando a felicidade dos outros.** Esta abertura do coração é fonte de felicidade, porque «a felicidade está mais em dar do que em receber» (Act 20, 35). Não se vive melhor

fugindo dos outros, escondendo-se, negando-se a partilhar, resistindo a dar, fechando-se na comodidade. Isto não é senão um lento suicídio.

273. A missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo. **É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar.** Nisto uma pessoa se revela enfermeira no espírito, professor no espírito, político no espírito..., ou seja, **pessoas que decidiram, no mais íntimo de si mesmas, estar com os outros e ser para os outros.** Mas, se uma pessoa coloca a tarefa dum lado e a vida privada do outro, tudo se torna cinzento e viverá continuamente à procura de reconhecimentos ou defendendo as suas próprias exigências. Deixará de ser povo.

274. Para partilhar a vida com a gente e dar-nos generosamente, **precisamos de reconhecer também que cada pessoa é digna da nossa dedicação.** E não pelo seu aspecto físico, suas capacidades, sua linguagem, sua mentalidade ou pelas satisfações que nos pode dar, mas porque é obra de Deus, criatura sua. Ele criou-a à sua imagem, e reflecte algo da sua glória. Cada ser humano é objecto da ternura infinita do Senhor, e Ele mesmo habita na sua vida. Na cruz, Jesus Cristo deu o seu sangue precioso por essa pessoa. Independentemente da aparência, cada um é imensamente sagrado e merece o nosso afecto e a nossa dedicação. Por isso, se consigo ajudar uma só pessoa a viver melhor, isso já justifica o dom da minha vida. É maravilhoso ser povo fiel de Deus. E ganhamos plenitude, quando derrubamos os muros e o coração se enche de rostos e de nomes!

#### **A acção misteriosa do Ressuscitado e do seu Espírito**

275. **No segundo capítulo, reflectimos sobre a carência de espiritualidade profunda que se traduz no pessimismo, no fatalismo, na desconfiança.** Algumas

pessoas não se dedicam à missão, porque crêem que nada pode mudar e assim, segundo elas, é inútil esforçar-se. Pensam: «Para quê privar-me das minhas comodidades e prazeres, se não vejo algum resultado importante?» Com esta mentalidade, torna-se impossível ser missionário. Esta atitude é precisamente uma desculpa maligna para continuar fechado na própria comodidade, na preguiça, na tristeza insatisfeita, no vazio egoísta. Trata-se de uma atitude autodestrutiva, porque «o homem não pode viver sem esperança: a sua vida, condenada à insignificância, tornar-se-ia insuportável». [211] **No caso de pensarmos que as coisas não vão mudar, recordemos que Jesus Cristo triunfou sobre o pecado e a morte e possui todo o poder.** Jesus Cristo vive verdadeiramente. Caso contrário, «se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação» (1 Cor 15, 14). Diz-nos o Evangelho que, quando os primeiros discípulos saíram a pregar, «o Senhor cooperava com eles, confirmando a Palavra» (Mc 16, 20). E o mesmo acontece hoje. Somos convidados a descobri-lo, a vivê-lo. Cristo ressuscitado e glorioso é a fonte profunda da nossa esperança, e não nos faltará a sua ajuda para cumprir a missão que nos confia.

276. **A sua ressurreição não é algo do passado; contém uma força de vida que penetrou o mundo. Onde parecia que tudo morreu, voltam a aparecer por todo o lado os rebentos da ressurreição. É uma força sem igual.** É verdade que muitas vezes parece que Deus não existe: vemos injustiças, maldades, indiferenças e crueldades que não cedem. Mas também é certo que, no meio da obscuridade, sempre começa a desabrochar algo de novo que, mais cedo ou mais tarde, produz fruto. Num campo arrasado, volta a aparecer a vida, tenaz e invencível. Haverá muitas coisas más, mas o bem sempre tende a reaparecer e espalhar-se. Cada dia, no mundo, renasce a beleza, que ressuscita transformada através dos dramas da história. Os valores tendem sempre a reaparecer sob novas formas, e na realidade o ser humano renasceu muitas vezes de situações que pareciam irreversíveis. Esta é a força da ressurreição, e cada evangelizador é um instrumento deste dinamismo.

277. E continuamente aparecem também novas dificuldades, a experiência do fracasso, as mesquinhas humanas que tanto ferem. Todos sabemos, por experiência, que às vezes uma tarefa não nos dá as satisfações que desejaríamos, os frutos são escassos e as mudanças são lentas, e vem-nos a tentação de se dar por cansado. Todavia, não é a mesma coisa quando alguém, por cansaço, baixa momentaneamente os braços e quando os baixa definitivamente dominado por um descontentamento crónico, por uma acédia que lhe mirra a alma. Pode acontecer que o coração se canse de lutar, porque, em última análise, se busca a si mesmo num carreirismo sedento de reconhecimentos, aplausos, prémios, promoções; então a pessoa não baixa os braços, mas já não tem garra, carece de ressurreição. Assim, o Evangelho, que é a mensagem mais bela que há neste mundo, fica sepultado sob muitas desculpas.

278. **A fé significa também acreditar n'Ele, acreditar que nos ama verdadeiramente, que está vivo, que é capaz de intervir misteriosamente, que não nos abandona, que tira bem do mal com o seu poder e a sua criatividade infinita.** Significa acreditar que Ele caminha vitorioso na história «e, com Ele, estarão os chamados, os escolhidos, os fiéis» (Ap17, 14). Acreditamos no Evangelho que diz que o Reino de Deus já está presente no mundo, e vai-se desenvolvendo aqui e além de várias maneiras: como a pequena semente que pode chegar a transformar-se numa grande árvore (cf. Mt 13, 31-32), como o punhado de fermento que leveda uma grande massa (cf. Mt 13, 33), e como a boa semente que cresce no meio do joio (cf. Mt 13, 24-30) e sempre nos pode surpreender positivamente: ei-la que aparece, vem outra vez, luta para florescer de novo. A ressurreição de Cristo produz por toda a parte rebentos deste mundo novo; e, ainda que os cortem, voltam a despontar, porque a ressurreição do Senhor já penetrou a trama oculta desta história; porque Jesus não ressuscitou em vão. Não fiquemos à margem desta marcha da esperança viva!

279. Como nem sempre vemos estes rebentos, precisamos de uma certeza interior, ou seja, da convicção de que Deus pode actuar em qualquer circunstância, mesmo no meio de aparentes fracassos, porque

«trazemos este tesouro em vasos de barro» (2 Cor 4, 7). Esta certeza é o que se chama «sentido de mistério», que consiste em saber, com certeza, que a pessoa que se oferece e entrega a Deus por amor, seguramente será fecunda (cf. Jo 15, 5). Muitas vezes esta fecundidade é invisível, incontrolável, não pode ser contabilizada. **A pessoa sabe com certeza que a sua vida dará frutos, mas sem pretender conhecer como, onde ou quando; está segura de que não se perde nenhuma das suas obras feitas com amor, não se perde nenhuma das suas preocupações sinceras com os outros, não se perde nenhum acto de amor a Deus, não se perde nenhuma das suas generosas fadigas, não se perde nenhuma dolorosa paciência. Tudo isto circula pelo mundo como uma força de vida.** Às vezes invade-nos a sensação de não termos obtido resultado algum com os nossos esforços, mas a missão não é um negócio nem um projecto empresarial, nem mesmo uma organização humanitária, não é um espectáculo para que se possa contar quantas pessoas assistiram devido à nossa propaganda. É algo de muito mais profundo, que escapa a toda e qualquer medida. Talvez o Senhor Se sirva da nossa entrega para derramar bênçãos noutra lugar do mundo, aonde nunca iremos. O Espírito Santo trabalha como quer, quando quer e onde quer; e nós gastamo-nos com grande dedicação, mas sem pretender ver resultados espectaculares. Sabemos apenas que o dom de nós mesmos é necessário. No meio da nossa entrega criativa e generosa, aprendamos a descansar na ternura dos braços do Pai. Continuemos para diante, empenhemo-nos totalmente, mas deixemos que seja Ele a tornar fecundos, como melhor Lhe parecer, os nossos esforços.

280. **Para manter vivo o ardor missionário, é necessária uma decidida confiança no Espírito Santo,** porque Ele «vem em auxílio da nossa fraqueza» (Rm 8, 26). Mas esta confiança generosa tem de ser alimentada e, para isso, precisamos de O invocar constantemente. Ele pode curar-nos de tudo o que nos faz esmorecer no compromisso missionário. É verdade que esta confiança no invisível pode causar-nos alguma vertigem: é como mergulhar num mar onde não sabemos o que vamos encontrar. Eu mesmo o

experimentei tantas vezes. Mas não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito, renunciando a calcular e controlar tudo e permitindo que Ele nos ilumine, guie, dirija e impulse para onde Ele quiser. O Espírito Santo bem sabe o que faz falta em cada época e em cada momento. A isto chama-se ser misteriosamente fecundos!

### **A força missionária da intercessão**

**281. Há uma forma de oração que nos incentiva particularmente a gastarmos na evangelização e nos motiva a procurar o bem dos outros: é a intercessão.** Fixemos, por momentos, o íntimo dum grande evangelizador como São Paulo, para perceber como era a sua oração. Esta estava repleta de seres humanos: «Em todas as minhas orações, sempre peço com alegria por todos vós (...), pois tenho-vos no coração» (Fl 1, 4.7). Descobrimos, assim, que interceder não nos afasta da verdadeira contemplação, porque a contemplação que deixa de fora os outros é uma farsa.

**282.** Esta atitude transforma-se também num agradecimento a Deus pelos outros. «Antes de mais, dou graças ao meu Deus por todos vós, por meio de Jesus Cristo» (Rm 1, 8). Trata-se de um agradecimento constante: «Dou incessantemente graças ao meu Deus por vós, pela graça de Deus que vos foi concedida em Cristo Jesus» (1 Cor 1, 4); «todas as vezes que me lembro de vós, dou graças ao meu Deus» (Fl 1, 3). Não é um olhar incrédulo, negativo e sem esperança, mas uma visão espiritual, de fé profunda, que reconhece aquilo que o próprio Deus faz neles. E, simultaneamente, é a gratidão que brota de um coração verdadeiramente solícito pelos outros. Deste modo, quando um evangelizador sai da oração, o seu coração tornou-se mais generoso, libertou-se da consciência isolada e está ansioso por fazer o bem e partilhar a vida com os outros.

**283. Os grandes homens e mulheres de Deus foram grandes intercessores. A intercessão é como a «levedação» no seio da Santíssima Trindade.** É penetrarmos no Pai e descobriremos novas dimensões que iluminam as situações concretas e as mudam. Poderíamos dizer que o coração de Deus se deixa comover pela intercessão, mas na realidade Ele sempre nos antecipa, pelo que,

com a nossa intercessão, apenas possibilitamos que o seu poder, o seu amor e a sua lealdade se manifestem mais claramente no povo.

## **II. Maria, a Mãe da evangelização**

**284. Juntamente com o Espírito Santo, sempre está Maria no meio do povo.** Ela reunia os discípulos para O invocarem (Act 1, 14), e assim tornou possível a explosão missionária que se deu no Pentecostes. Ela é a Mãe da Igreja evangelizadora e, sem Ela, não podemos compreender cabalmente o espírito da nova evangelização.

### **O dom de Jesus ao seu povo**

**285.** Na cruz, quando Cristo suportava em sua carne o dramático encontro entre o pecado do mundo e a misericórdia divina, pôde ver a seus pés a presença consoladora da Mãe e do amigo. Naquele momento crucial, antes de declarar consumada a obra que o Pai Lhe havia confiado, Jesus disse a Maria: «Mulher, eis o teu filho!» E, logo a seguir, disse ao amigo bem-amado: «Eis a tua mãe!» (Jo 19, 26-27). Estas palavras de Jesus, no limiar da morte, não exprimem primariamente uma terna preocupação por sua Mãe; mas são, antes, uma fórmula de revelação que manifesta o mistério duma missão salvífica especial. **Jesus deixava-nos a sua Mãe como nossa Mãe.** E só depois de fazer isto é que Jesus pôde sentir que «tudo se consumara» (Jo 19, 28). Ao pé da cruz, na hora suprema da nova criação, Cristo conduz-nos a Maria; conduz-nos a Ela, porque não quer que caminhemos sem uma mãe; e, nesta imagem materna, o povo lê todos os mistérios do Evangelho. **Não é do agrado do Senhor que falte à sua Igreja o ícone feminino. Ela, que O gerou com tanta fé, também acompanha «o resto da sua descendência, isto é, os que observam os mandamentos de Deus e guardam o testemunho de Jesus»** (Ap 12, 17). Esta ligação íntima entre Maria, a Igreja e cada fiel, enquanto de maneira diversa geram Cristo, foi maravilhosamente expressa pelo Beato Isaac da Estrela: «Nas Escrituras divinamente inspiradas, o que se atribui em geral à Igreja, Virgem e Mãe, aplica-se em especial à Virgem Maria (...). Além disso, cada alma fiel é igualmente, a seu modo, esposa do Verbo de Deus, mãe de Cristo, filha e irmã, virgem e

mãe fecunda. (...) No tabernáculo do ventre de Maria, Cristo habitou durante nove meses; no tabernáculo da fé da Igreja, permanecerá até ao fim do mundo; no conhecimento e amor da alma fiel habitará pelos séculos dos séculos».[212]

**286. Maria é aquela que sabe transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura. Ela é a serva humilde do Pai, que transborda de alegria no louvor. É a amiga sempre solícita para que não falte o vinho na nossa vida. É aquela que tem o coração trespassado pela espada, que compreende todas as penas. Como Mãe de todos, é sinal de esperança para os povos que sofrem as dores do parto até que germine a justiça. Ela é a missionária que Se aproxima de nós, para nos acompanhar ao longo da vida, abrindo os corações à fé com o seu afecto materno. Como uma verdadeira mãe, caminha connosco, luta connosco e aproxima-nos incessantemente do amor de Deus.** Através dos diferentes títulos marianos, geralmente ligados aos santuários, compartilha as vicissitudes de cada povo que recebeu o Evangelho e entra a formar parte da sua identidade histórica. Muitos pais cristãos pedem o Baptismo para seus filhos num santuário mariano, manifestando assim a fé na acção materna de Maria que gera novos filhos para Deus. **É lá, nos santuários, que se pode observar como Maria reúne ao seu redor os filhos que, com grandes sacrifícios, vêm peregrinos para A ver e deixar-se olhar por Ela. Lá encontram a força de Deus para suportar os sofrimentos e as fadigas da vida. Como a São João Diego, Maria oferece-lhes a carícia da sua consolação materna e diz-lhes: «Não se perturbe o teu coração. (...) Não estou aqui eu, que sou tua Mãe?»**[213]

#### **A Estrela da nova evangelização**

**287. À Mãe do Evangelho vivente, pedimos a sua intercessão a fim de que este convite para uma nova etapa da evangelização seja acolhido por toda a comunidade eclesial.** Ela é a mulher de fé, que vive e caminha na fé,[214] e «a sua excepcional peregrinação da fé representa um ponto de referência constante para a Igreja».[215] Ela deixou-Se

conduzir pelo Espírito, através dum itinerário de fé, rumo a uma destinação feita de serviço e fecundidade. Hoje fixamos n'Elas o olhar, para que nos ajude a anunciar a todos a mensagem de salvação e para que os novos discípulos se tornem operosos evangelizadores.[216] Nesta peregrinação evangelizadora, não faltam as fases de aridez, de ocultação e até de um certo cansaço, como as que viveu Maria nos anos de Nazaré enquanto Jesus crescia: «Este é o início do Evangelho, isto é, da boa nova, da jubilosa nova. Não é difícil, porém, perceber naquele início um particular aperto do coração, unido a uma espécie de “noite da fé” – para usar as palavras de São João da Cruz – como que um “véu” através do qual é forçoso aproximar-se do Invisível e viver na intimidade com o mistério. Foi deste modo efectivamente que Maria, durante muitos anos, permaneceu na intimidade com o mistério do seu Filho, e avançou no seu itinerário de fé».[217]

**288. Há um estilo mariano na actividade evangelizadora da Igreja.** Porque sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afecto. N'Elas, vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes, que não precisam de maltratar os outros para se sentir importantes. Fixando-A, descobrimos que aquela que louvava a Deus porque «derrubou os poderosos de seus tronos» e «aos ricos despediu de mãos vazias» (Lc 1, 52.53) é mesma que assegura o aconchego dum lar à nossa busca de justiça. E é a mesma também que conserva cuidadosamente «todas estas coisas ponderando-as no seu coração» (Lc 2, 19). Maria sabe reconhecer os vestígios do Espírito de Deus tanto nos grandes acontecimentos como naqueles que parecem imperceptíveis. É contemplativa do mistério de Deus no mundo, na história e na vida diária de cada um e de todos. É a mulher orante e trabalhadora em Nazaré, mas é também nossa Senhora da prontidão, a que sai «à pressa» (Lc 1, 39) da sua povoação para ir ajudar os outros. Esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho para os outros faz d'Elas um modelo eclesial para a evangelização. Pedimos-Lhe que nos ajude, com a sua oração materna, para que a Igreja se torne uma casa para muitos, uma mãe para todos os povos, e torne

possível o nascimento dum mundo novo. É o Ressuscitado que nos diz, com uma força que nos enche de imensa confiança e firmíssima esperança:

«Eu renovo todas as coi-sas» (Ap 21, 5).  
Com Maria, avançamos confiantes para esta promessa, e dizemos-Lhe:

## Virgem e Mãe Maria,

Vós que, movida pelo Espírito,  
acolhestes o Verbo da vida  
na profundidade da vossa fé  
humilde,  
totalmente entregue ao Eterno,  
ajudai-nos a dizer o nosso «sim»  
perante a urgência, mais imperiosa  
do que nunca,  
de fazer ressoar a Boa Nova de  
Jesus.

Vós, cheia da presença de Cristo,  
levastes a alegria a João o Baptista,  
fazendo-o exultar no seio de sua  
mãe.

Vós, estremecendo de alegria,  
cantastes as maravilhas do Senhor.

Vós, que permanecestes firme diante  
da Cruz  
com uma fé inabalável,  
e recebestes a jubilosa consolação  
da ressurreição,  
reunistes os discípulos à espera do  
Espírito  
para que nascesse a Igreja  
evangelizadora.  
Alcançai-nos agora um novo ardor  
de ressuscitados  
para levar a todos o Evangelho da  
vida  
que vence a morte.

Dai-nos a santa ousadia de buscar  
novos caminhos,  
para que chegue a todos  
o dom da beleza que não se apaga.  
Vós, Virgem da escuta e da  
contemplação,  
Mãe do amor, esposa das núpcias  
eternas  
intercedei pela Igreja, da qual sois o  
ícone puríssimo,  
para que ela nunca se feche nem se  
detenha  
na sua paixão por instaurar o Reino.  
Estrela da nova evangelização,  
ajudai-nos a refulgir com o  
testemunho da comunhão,  
do serviço, da fé ardente e generosa,  
da justiça e do amor aos pobres,  
para que a alegria do Evangelho  
chegue até aos confins da terra  
e nenhuma periferia fique privada da  
sua luz.  
Mãe do Evangelho vivente,  
manancial de alegria para os  
pequeninos,  
rogai por nós.  
Amen. Aleluia!

Dado em Roma, junto de São Pedro,  
no encerramento do Ano da Fé, dia  
24 de Novembro – Solenidade de  
Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do  
Universo – do ano de 2013, primeiro  
do meu Pontificado.

*Franciscus*



D. Joaquim Mendes, Bispo Auxiliar de Lisboa

# Catequese e Renovamento

## Solenidade de Pentecostes

*Assembleia Diocesana do Renovamento Carismático Católico de Lisboa – Paróquia de Santa Maria dos Olivais*

Saúdo o Senhor Pe. Bruno Machado, Assistente Diocesano. Saúdo a Equipa Diocesana e os Líderes dos Grupos do RCC da Diocese. Saúdo a cada um e cada uma de vós, caríssimos irmãos e irmãs em Nosso Senhor Jesus Cristo. Congratulo-me convosco pela nova sede e pela possibilidade de poderdes utilizar esta bela igreja para encontros de oração. Agradeço ao Senhor Pe. Nuno e à comunidade

de Santa Maria dos Olivais a disponibilização destes espaços.

1. Celebramos a Solenidade do Pentecostes.

Após cinquenta dias da Páscoa, os Apóstolos estavam reunidos no Cenáculo e o Espírito Santo desceu sobre eles.

Celebramos este grande acontecimento, que continua a repetir-se na vida da Igreja, e que continua a acontecer nas nossas comunidades; que, reunidas em nome de Jesus, continuam a invocar o Espírito para que as confirme na fé, e renove na Igreja esta grande graça que transforma os corações e renova a face da terra.

O Espírito conduz-nos pelos caminhos de Deus e dá-nos a força de ir contra a corrente, de assumir a nossa identidade cristã, de sair do anonimato e de ser

testemunhas da morte e ressurreição de Jesus.

**2.** No dia de Pentecostes o Espírito manifestou-se sob a forma de vento e de fogo.

O «vento» e o «fogo» são símbolos da experiência interior profunda que se operou no coração dos discípulos e que se manifesta em sinais extraordinários: «Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar línguas».

Os diversos povos presentes na cidade de Jerusalém para celebrar a festa judaica dos Ázimos após o Pentecostes sentem-se unidos pela linguagem do amor, que é a linguagem do Espírito, nasce a Igreja e tem início a sua missão no mundo.

O Espírito manifesta-se como uma poderosa força interior, une os crentes, gera a Igreja e leva os discípulos a fazerem opções corajosas, lança-os nas estradas do mundo a anunciar e testemunhar que Jesus está vivo e que só nele se encontra a salvação.

O Espírito transforma-nos interiormente, unge-nos com o amor e a força de Deus para sairmos do anonimato, assumirmos sem medo e sem vergonha a nossa identidade cristã e a nossa pertença à Igreja e darmos testemunho de Jesus.

**3.** O Espírito enriquece-nos com os seus dons para edificarmos a Igreja.

Os dons são para colocar ao serviço dos Senhor e da comunidade, diz-nos o apóstolo S. Paulo na segunda leitura.

«Dons, serviços e operações» são três palavras que caracterizam a ação do Espírito no coração e na vida dos crentes, dados para a construção do Reino de Deus, para a edificação na Igreja e empenho na transformação do mundo.

Batizados num mesmo Espírito, os cristãos constituem um só corpo. Esta imagem do

«corpo», tão cara ao Apóstolo S. Paulo, é símbolo da Igreja-comunidade, que se constrói com o contributo de todos e de cada um, na diversidade de dons, carismas e funções, sob a ação de um único e mesmo Espírito.

Cada um de nós deve sentir-se membro vivo da Igreja. Não um membro adormecido, passivo, mas comprometido com a sua missão, com a força do Espírito Santo.

**4.** A Igreja constrói-se com o contributo de todos.

Todos somos necessários. A diversidade na comunhão constitui uma riqueza e nunca um obstáculo à missão da Igreja.

Só esta unidade na diversidade permite à Igreja realizar a sua missão no mundo. E esta unidade é obra do Espírito de Deus.

A missão exige a comunhão. A primeira forma de evangelização é o testemunho de comunhão e de unidade dos cristãos. Quem tem o Espírito de Cristo deseja esta comunhão e esta unidade, busca-a e constrói-a com os outros.

O Papa Francisco, no passado domingo, 1 de junho, dizia aos participantes do 37º Encontro Nacional da Renovação Carismática: “Procurai a unidade na Renovação, porque a unidade vem do Espírito e nasce da unidade da Trindade. De quem vem a divisão? Do Demónio! A divisão vem do Demónio. Fugi das lutas internas, por favor! Que elas não existam entre vós”.

E ainda: “Recebestes o grande dom da diversidade dos carismas, a diversidade que leva à harmonia do Espírito Santo, ao serviço da Igreja (...) A unidade é necessária para a evangelização em nome de Jesus”.

Dóceis ao Espírito Santo, construamos esta comunhão e esta unidade nos nossos grupos e na Igreja, para levarmos Cristo e o Evangelho a todos, para sermos evangelizadores construtores de pontes, aproximando

as pessoas de Cristo e uma das outras. Construtores de pontes, não de juros.

**5.** Cristo ressuscitado, vivo e presente no meio de nós, dá-nos o seu Espírito e com Ele o dom da sua paz.

«A paz esteja convosco». Jesus concede aos discípulos a sua paz.

O Senhor quer e deseja que nós tenhamos connosco a sua paz, que experimentemos a alegria da sua presença forte e suave em nós e sejamos homens e mulheres de paz.

O Senhor ressuscitado confiou aos Apóstolos esta missão da paz, mediante a reconciliação dos pecadores. Disse-lhes: «Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós» e soprou sobre eles dizendo: «Recebei o Espírito Santo: os pecados ficarão perdoados àqueles a quem os perdoardes; e ficarão retidos, àqueles a quem os retiverdes».

Jesus ressuscitado confiou aos Apóstolos a missão que recebera do Pai, de conduzir os homens, purificados do pecado, à fonte da vida, a fim de, unidos a Cristo, como ramos à videira, constituam o povo santo de Deus, na fé e na caridade.

Jesus ressuscitado confere aos Apóstolos a missão e a responsabilidade de serem ministros da sua ação redentora, de introduzir os pecadores reconciliados, na comunhão eclesial, mediante o dom do Espírito Santo.

**6.** A Igreja recebeu de Jesus a missão de comunicar, mediante o sacramento da Reconciliação, o dom da paz de Cristo ressuscitado, sob a forma de perdão e de reconciliação.

O Espírito Santo abre o nosso coração ao amor e à confiança na misericórdia de Deus, que sempre nos perdoa e nos dá a força para perdoar.

Viver segundo o Espírito significa ser testemunha do amor e da misericórdia de

Deus; partilhar com os outros esta experiência interior, profunda, transformante, da presença do Espírito e ser portador da paz de Cristo ressuscitado no mundo, que tanto carece de paz.

Viver segundo o Espírito é comprometer-se com Jesus na construção do seu Reino, que é um Reino de Paz, de Justiça, de Verdade e de Amor.

Peçamos ao Senhor que renove em cada um de nós o dom do Espírito Santo.

Deixemos que Ele atue no nosso coração, inspire a nossa oração, ilumine as nossas opções, sustente a nossa fé e o nosso testemunho. Seja o guia e companheiro da vossa vida.

Elevemos ao Senhor a oração do Papa Francisco do Encontro Nacional do RCC de Itália, no passado dia 1 de junho, no estado Olímpico de Roma.

“Senhor, olha para o teu povo que espera o Espírito Santo. Olha para os jovens, as famílias, as crianças, os doentes, os sacerdotes, os consagrados, as consagradas, olha para nós bispos, para todos. E concede-nos aquela santa inebriação, a do Espírito, o que faz com que falemos todas as línguas, as línguas da caridade, sempre próximos dos irmãos e das irmãs que têm necessidade de nós. Ensina-nos a não lutar entre nós para obter mais um bocado de poder; ensina-nos a ser humildes, ensina-nos a amar mais a Igreja do que o nosso partido, as nossas «contendas» internas; ensina-nos a ter o coração aberto para receber o Espírito. Envia, ó Senhor, o teu Espírito sobre nós! Amém”.

## Domingo de Páscoa

**E**ra dia de Páscoa.

Céu cinzento, estrada regada pela chuva.

Olhei pela janela aberta.

Num leve toque espiritual,  
senti-me por momentos embalada  
por uma sinestesia de cores e  
perfumes.

Num recolhimento de alma,  
louvei a Ressurreição de Jesus.

E... creio que por isso inundada,  
lembrei-me e fui convidar para almoçar em  
nossa casa



Luísa Lopes de Araújo

## Testemunho da Fé

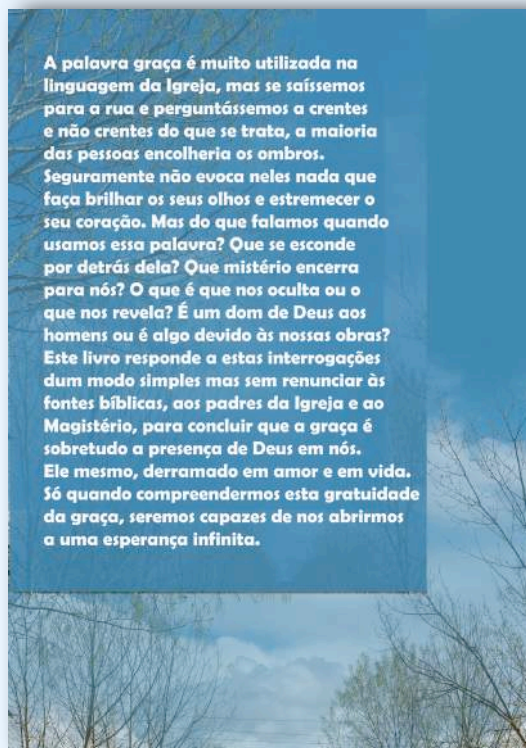
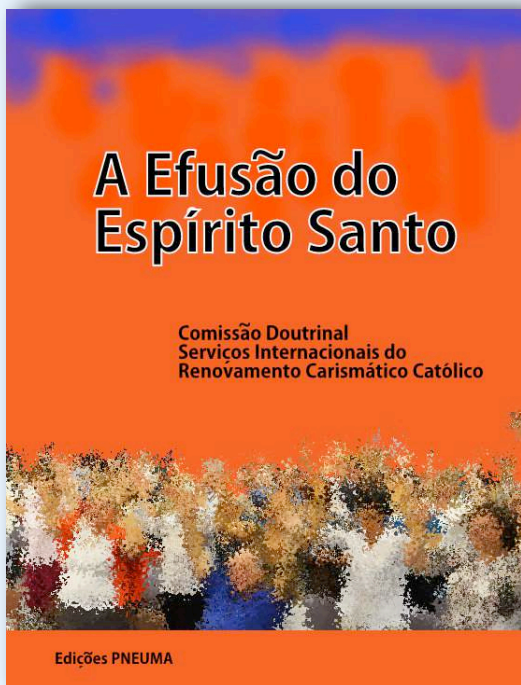
a pobre Marcelina, de 84 anos a viver na  
solidão,  
com quem dias antes me havia cruzado.  
Sentei-a em lugar de honra;  
e em fraterna comunhão  
agradecemos a Cristo Ressuscitado.

Louvo o Senhor pelo domingo de Páscoa.  
Louvo o Senhor pelo olhar da Marcelina.  
Louvo o Senhor pelo sopro amoroso  
que ali santificou cada coração.  
O Senhor esteve à nossa mesa,  
entre a minha mãe, com 94 anos,  
e o Santiago, com 4 anos.  
Bendito seja o Senhor por esta feliz  
ternura.

Amen! Aleluia!

# 2 livros de espiritualidade carismática, nas Edições Pneuma !

## leitura de Verão! ADQUIRA | LEIA | OFEREÇA





Joaquim Mexia Alves

## Como Tomé

**A**nda, aproxima-te e coloca a tua mão no meu lado e nas minhas mãos. Não sejas incrédulo.

Mas, Senhor, eu não sou incrédulo! Eu acredito!

Ó meu Joaquim, procura lá bem dentro do teu coração, se não tens dúvidas, se por vezes não pensas que tudo isto parece uma “história” impossível?

Ó Senhor, assim não vale! Tu lês o meu coração, Tu conheces os meus pensamentos!

Pois conheço, Joaquim, por isso Eu te questiono, por isso Eu te provo, por isso Eu te provo, para que cada vez mais Eu seja uma certeza na tua vida.

Eu sei, Senhor, eu sei! Por isso Te amo tanto! Porque não me queres deixar entrar na rotina de uma fé vivida sem amor, sem chama, sem sentido.

Vês, se não te chamasse agora, viverias o dia de hoje com apenas uma “recordação” de Mim. Mas chamei-te, e assim pudeste “ver-me”, porque se te abriram os olhos do coração, os olhos do amor, e assim acreditaste sem ver.

Meu Senhor e meu Deus!

# Igreja Notícias da Igreja Notícias

## **Bebé morre e revive no abraço da mãe**

Na Austrália, Kate Ogg estava grávida de gêmeos, um menino e uma menina. Na hora do parto, feito prematuramente às 27 semanas de gestação, ela teve uma menina, Emily, mas o irmão, um menino para que haviam escolhido o nome de Jamie, não sobreviveu, devido à difícil cirurgia do parto. Os médicos declararam-no clinicamente morto.

Então a mãe, devastada pela notícia, e com o acordo do seu marido David, pediu aos médicos se podia segurá-lo ao colo, para passar com ele ao menos alguns minutos. Kate declarou: “Eu queria tanto encontrá-lo e abraçá-lo para que ele nos conhecesse. Já que a sua vida seria fora deste mundo, nós queríamos que ele soubesse quem eram os seus pais, e que nós o amávamos muito mesmo antes de ele nascer e morrer.”

E assim, esta mãe abraçou o corpinho morto de seu filho Jamie, conversou com ele sobre todas as coisas que eles poderiam fazer juntos, contou-lhe acerca da família que formavam; e, acompanhada de seu marido, abraçaram-no e choraram a sua morte. David lamentou juntamente com a esposa a dor de terem perdido o filho.

David disse que ele queria ter apenas mais alguns minutos com o seu filho, enquanto os médicos e enfermeiras aguardavam para que devolvesse o corpo, a fim de prepararem a documentação do óbito; mas os minutos passaram, e eles ficaram com o corpo do bebê por mais de 2 horas. A irmã gêmea de Jamie, Emily, estava bem, e era cuidada pelos médicos.

Depois de 2 horas, já conformados com a perda do filho, quando Kate e David se preparavam para se despedir de Jamie, eles notaram pequenos e breves movimentos no seu corpinho; e ele abriu os olhos. Eles emocionaram-se ao ver os seus olhinhos; falaram com os médicos, que lhes tiraram as esperanças dizendo que era somente resquício de vida na passagem para a morte.

O que aconteceu em seguida prova a mágica do amor no toque de uma mãe. (Veja o VÍDEO da notícia em inglês)

Os pais chamaram a equipe médica, que não deu muita importância. Mas os pais insistentemente afirmavam que Jamie permaneceu com os olhinhos abertos! Enquanto os pais diziam que o bebê poderia estar ainda vivo, os médicos desencorajavam-os. Depois de algum tempo, o médico voltou então com um estetoscópio, ouviu o coraçãozinho de Jamie e abanou a cabeça, surpreso, dizendo: “Eu não acredito! Eu não acredito!” Eles então correram para dar o necessário suporte de vida ao bebê, que viveu e cresce hoje como uma criança normal.

Na Austrália, é popular que os pais acompanhem o desenvolvimento de bebês prematuros, especialmente a mãe, colocando o bebê perto de seu coração, e o processo é chamado de “Mamã canguru”, que consiste em o bebê ouvir os batimentos cardíacos da mãe e sentir o seu cheiro para que possa desenvolver-se. No caso de Jamie, os médicos insistem que não há explicação científica nem médica para o que aconteceu. O pai David Ogg disse que, “Kate e o seu instinto maternal salvaram a vida de Jamie. Se ela não tivesse feito isso, nós não o teríamos hoje conosco, crescendo juntamente com sua irmã Emily.” Um milagre!

# Igreja Notícias da Igreja Notícias

# Igreja Notícias da Igreja Notícias

## **ONU aprovou resolução a favor da Família**

No dia 25 de Junho, o Conselho dos Direitos Humanos, da Organização das Nações Unidas (ONU), no seu 26º período de sessões, aprovou uma resolução de "Proteção à Família", que reconhece a família como o núcleo **"natural e fundamental da sociedade, e tem direito a protecção por parte da Sociedade e do Estado"** — o que representou uma verdadeira derrota do lobby gay.

A resolução reconhece **"que a família tem a responsabilidade primária de nutrir e proteger as crianças; e que, para o desenvolvimento completo e harmonioso de sua personalidade, as crianças devem crescer num ambiente familiar e numa atmosfera de felicidade, de amor e de entendimento"**.

A resolução foi aprovada por 26 votos contra 14, e seis abstenções.

Em declarações à "ACI Imprensa", o Dr. Carlos Beltramo, do Instituto Cultura e Sociedade (ICS) da Universidade da Navarra, reconheceu que a resolução do organismo da ONU "foi um interessante passo adiante no reconhecimento da natureza da família em um foro tão importante das Nações Unidas". "Esta é uma boa oportunidade para relançar a educação da pessoa dentro da família, que é o melhor caminho para o futuro da humanidade", indicou.

Beltramo assinalou que **"dar formação às famílias e animar a que as famílias eduquem as suas crianças é um meio fundamental para fortalecer sociedades saudáveis que permitam que todos superem até mesmo situações difíceis como as que tivemos que viver"**.

O organismo da ONU decidiu ainda criar um painel, por motivo do 20º aniversário do Ano

Internacional da Família, assim como promover referências à família de uma forma positiva, para reverter uma tendência dos últimos tempos de tratar a família como o centro dos conflitos, dos problemas e das violações de direitos humanos.

Em declarações recolhidas pelo site BuzzFeed, Austin Ruse, presidente do Instituto Família Católica e Direitos humanos, com sede nos Estados Unidos, assinalou que a resolução do Conselho de Direitos humanos da ONU é uma "derrota" do lobby gay. "A derrota (do conceito) de vários tipos de família demonstra que a ONU está cansada deste tipo de debates", assinalou. Austin Ruse assegurou que "a maioria de estados membros queria avançar para temas que preocupam o mundo e não só as elites do (hemisfério) norte".

Os países que apoiaram com o seu voto a resolução de protecção da família foram: Argélia, Benin, Botswana, Burkina Faso, China, Congo, Costa do Marfim, Etiópia, Gabão, Índia, Indonésia, Cazaquistão, Quênia, Kuwait, Maldivas, Marrocos, Namíbia, Paquistão, Filipinas, Federação Russa, Arábia Saudita, Serra Leoa, África do Sul, Emirados Árabes Unidos, Venezuela e Vietnã.

Os estados que se opuseram a esta histórica resolução a favor da família foram: Áustria, Chile, República Checa, Estónia, França, Alemanha, Irlanda, Itália, Japão, Montenegro, República da Coreia, Roménia, Reino Unido e Estados Unidos.

Por sua parte, Argentina, Brasil, Costa Rica, México, Peru e a República da Macedónia abstiveram-se. Cuba não participou na votação.

[Seria interessante saber em que sentido teria votado Portugal...]



# **ASSEMBLEIA PNEUMAVITA em Fátima**

**40º Aniversário do RCC em Portugal**

**Tema**

«Reaviva o Dom espiritual de Deus em ti pela imposição das mãos»  
(2Tim 1,6)

**Orientador: Pe. João Carlos Almeida (Pe. Joãozinho)**

**Com a participação de sacerdotes fundadores do RCC em Portugal**

**8 - 9 e 15 - 16 de Novembro de 2014**

**Centro Pastoral Paulo VI**





# Fotobiografia



1

1 Coro

2 Vista da nave central da igreja

3 A Mãe dos Órfãos

4 e 5 Relíquias de Santa Teresinha, na Capela dos Órfãos

## Beato Pe. Daniel Brottier (dia 28 de Fevereiro)

XXII - Aspectos do interior da Capela dedicada a Sta. Teresinha de Jesus, em Auteuil

## Oração pela canonização do Beato Pe. Brottier

Ó Deus, que enchestes o coração do Vosso servo Daniel Brottier com o fogo do Espírito Santo, tornando-o missionário heróico, capelão lendário e pai de órfãos, para Vossa maior glória e para a edificação da Igreja, concedei-me a graça de viver, como ele, a caridade activa e generosa para a salvação do mundo. Senhor, eu Vos louvo pelas maravilhas que operastes neste Vosso servo, a quem concedestes tudo, porque nada Vos recusou. Eu Vos suplico que me concedais as graças espirituais e materiais que, por sua intercessão Vos peço (Expor a Deus, através do Pe Brottier as graças pretendidas ...).

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, que é Deus conVosco, na unidade do Espírito Santo. Amen

Enviar relato de graças para o Secretariado de Pneuma



2



4



3



5



*"Coragem!"*

*(Padre José da Lapa, C.S.Sp.)*